



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**O peso do noticiário internacional nos jornais televisivos da
RTP1 e a importância da rede de correspondentes**

Melissa Oliveira Amaral

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Jornalismo

Orientador:
Professor Paulo Moura, Professor Especializado, Escola Superior de
Comunicação Social

junho, 2021

Aos meus pais.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao meu orientador. Ao Professor Paulo Moura por todo o acompanhamento e disponibilidade demonstrada em me auxiliar sempre que se revelou necessário.

A todos os jornalistas da secção online/multimédia da RTP, que sempre estiveram disponíveis para mim e, acima de tudo, por todo o conhecimento transmitido ao longo de um mês e meio de estágio. Ao jornalista Carlos Neves por todas as dicas e receptividade demonstrada na realização da entrevista. Às minhas colegas de estágio.

Aos jornalistas correspondentes da estação. À Daniela Santiago, ao Pedro Sá Guerra e ao Evgueni Mouravitch, pela prontidão mostrada em responder às minhas questões. À editora do internacional Márcia Rodrigues.

À minha família, sobretudo aos meus pais, pelo apoio incondicional dado ao longo de toda esta minha jornada e pela paciência e palavras de incentivo demonstradas nas horas de maior aperto. Um obrigado, a eles nunca será suficiente.

Ao Miguel por ter sido o meu maior apoio. E por nunca ter deixado de acreditar em mim.

Por fim, às minhas amigas Lisandra e Raquel pelo amparamento e por estarem sempre prontas em ajudar.

Declaração Anti plágio

Declaro por minha honra que este relatório de estágio, aqui apresentado, é autêntico, original e da minha autoria. Parte integrante das condições estabelecidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, na Escola Superior de Comunicação Social. Asseguro ainda, que todas as citações mencionadas estão devidamente apresentadas. Mais acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à posterior anulação do trabalho.

junho de 2021

A candidata:

Melissa Amaral

Resumo

Ao longo dos últimos anos, os temas internacionais têm vindo a perder preponderância no jornalismo. O número de notícias televisivas a abordar estas temáticas tem vindo a diminuir, bem como os seus produtores, isto é, os jornalistas correspondentes, em detrimento de outras formas consideradas mais económicas. Neste sentido, esta investigação visa perceber qual a importância dada aos temas internacionais nos principais jornais da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), mais propriamente na RTP1, que é um órgão de comunicação social de referência em questões internacionais, principalmente devido à sua vasta rede de correspondentes.

Assim sendo, o presente relatório pretende, numa primeira instância dar a conhecer o modo pelo qual se rege o jornalismo internacional e os seus componentes. Em segundo lugar, apresentar os elementos que se revelaram fundamentais para a realização da investigação, nomeadamente, a análise de conteúdo ao *Jornal da Tarde* e o *Telejornal*, ambos emitidos na RTP1, a realização de entrevistas e a observação participante proporcionada pela realização de um estágio curricular na secção online/multimédia da RTP.

Perante o acontecimento insólito da pandemia Covid-19, no decorrer do estudo houve a necessidade de se acrescentar mais um objetivo ao relatório: perceber se o aparecimento da pandemia veio alterar, de alguma forma, o peso que os temas internacionais apresentam nestes noticiários, e, se essa alteração se verificar, se ela irá prevalecer no futuro.

Palavras-chave: Jornalismo internacional, peças internacionais, RTP1, noticiários televisivos, Covid-19.

Abstract

Over the last few years, international themes have been losing predominance in journalism. The number of international television news and its producers, foreign correspondents, have been decreasing for cheaper ways of coverage. This investigation intends to understand the importance given to the international subjects in the television news on channel of RTP1. This media outlet is the best in addressing international themes and has a big team of foreign correspondents.

This report contains two parts, the first one is to know how does international journalism and its components work, and the second one is about the mechanisms used for the investigation work. In this part we have the analysis of the two important television news of RTP1, the interviews and the things I saw in the internship.

In the middle of the investigation, the Covid-19 pandemic appeared then we had to add a new objective in the study: understand how the pandemic affected the importance given to the international subjects in television news and if this change is going to stay in the future.

Keywords: International journalism, news international, RTP1, televisions news, Covid-19.

Índice

AGRADECIMENTOS	III
DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO	IV
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO	11
PARTE I: ESTÁGIO: RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL	14
1. APRESENTAÇÃO DA EMPRESA RTP	14
2. A HISTÓRIA DA ESTAÇÃO TELEVISIVA	14
3. DIÁRIO DE BORDO	17
3.1 DESAFIOS E APRENDIZAGENS	20
PARTE II: O JORNALISMO INTERNACIONAL E OS SEUS GÊNEROS	22
1. O JORNALISMO INTERNACIONAL	22
1.1. A PERSPETIVA HISTÓRICA E EVOLUÇÃO DA EDITORIA INTERNACIONAL	22
1.2. A EMERGÊNCIA E A REALIDADE DOS JORNALISTAS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS	23
1.3 O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA MEDIÁTICO INTERNACIONAL	26
2. AS NOTÍCIAS INTERNACIONAIS NO JORNALISMO ATUAL	29
2.1 O CONCEITO DE NOTÍCIA INTERNACIONAL	30
2.2 A IMPORTÂNCIA DAS NOTÍCIAS E AS SUAS TEMÁTICAS	31
2.3 OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	32
3. OS GÊNEROS DO JORNALISMO INTERNACIONAL	36
3.1 CONCETUALIZAÇÃO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS	36
3.2 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS MAIS USADOS EM TELEVISÃO	38
PARTE III: METODOLOGIA	42
1. MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO	42
1.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO	43
1.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	44
1.3 ENTREVISTAS	45
PARTE IV: ANÁLISE DOS DADOS	47
1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	47
1.1. PEÇAS INTERNACIONAIS RESTRITAS À COVID-19	52
2. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	56
2.1 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DAS PEÇAS INTERNACIONAIS RESTRITAS À COVID-19	62

3. O INTERNACIONAL NO DIGITAL	64
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>67</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>68</u>
<u>ANEXOS.....</u>	<u>73</u>
ANEXO I: TRABALHOS REALIZADOS.....	73
ANEXO II: MATRIZ DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	80
ANEXO III: ENTREVISTAS	82
ENTREVISTA AO JORNALISTA CORRESPONDENTE DA RTP EM MOSCOVO- EVGUENI MOURAVITCH.....	82
ENTREVISTA AO JORNALISTA CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO- PEDRO SÁ GUERRA.....	85
ENTREVISTA À JORNALISTA CORRESPONDENTE EM MADRID- DANIELA SANTIAGO	88
ENTREVISTA AO EDITOR DA SECÇÃO ONLINE/ MULTIMÉDIA- CARLOS NEVES	90
ENTREVISTA À EDITORA DO INTERNACIONAL- MÁRCIA RODRIGUES.....	92

Índice de gráficos

Gráfico nº1- Número total de peças do <i>Jornal da Tarde</i> e do <i>Telejornal</i> agrupados por data com o número de peças internacionais presentes nesses mesmos jornais.....	45
Gráfico nº2- Géneros jornalísticos das peças internacionais analisadas no <i>Jornal da Tarde</i> e no <i>Telejornal</i> da RTP1.....	46
Gráfico nº3- Alinhamento das peças internacionais analisadas nos dois principais jornais da RTP1.....	46
Gráfico nº4- Tipos de origens nas peças com o alinhamento das mesmas nos dois principais jornais da RTP1.....	47
Gráfico nº5- Duração das peças internacionais nos dois principais jornais da RTP1 juntamente com o tipo de origens usadas.....	48
Gráfico nº6- Temas presentes nas peças analisadas nos dois principais jornais da RTP1.....	48
Gráfico nº7- Equivalência temática entre os temas das peças internacionais e o jornal nacional.....	49
Gráfico nº8- Zonas do mundo retratadas nas peças internacionais.....	49
Gráfico nº 9- Tipos de origens presentes nas zonas do mundo retratadas nas peças internacionais.....	50
Gráfico nº10- Número total de peças internacionais face ao número de peças internacionais que apenas dizem respeito à Covid-19.....	51
Gráfico nº11- Géneros jornalísticos das peças internacionais sobre a Covid-19 analisadas no <i>Jornal da Tarde</i> e no <i>Telejornal</i> da RTP1.....	51
Gráfico nº 12- Tipos de origens presentes nas peças apenas sobre a Covid-19 com o alinhamento das mesmas nos dois principais jornais da RTP1.....	52
Gráfico nº13- As zonas do mundo retratadas nas peças internacionais apenas sobre a covid-19.....	53

Gráfico nº14- Tipo de origens presentes nas zonas do mundo mais retratadas nas peças internacionais sobre a Covid-19.....**53**

Introdução

O presente relatório desenvolve-se em consonância com a realização de um estágio curricular na secção online/multimédia da RTP (Rádio e Televisão de Portugal), em Lisboa. Apesar da sua duração estar estipulada para três meses, esta teve de ser encurtada para um mês e meio devido às circunstâncias imprevistas da Covid-19. O aumento gradual de casos ativos em Portugal e a consequente implementação do estado de emergência pelo governo levaram à suspensão e consequente término do estágio.

O jornalismo internacional tem como função principal dedicar-se à cobertura de acontecimentos que ocorram em diferentes partes do mundo. Neste sentido, nos tempos em que vivemos, numa era globalizada, não é de estranhar que esta atividade se torne imprescindível para a perceção do funcionamento da nossa sociedade e do mundo em geral. As consequências que um acontecimento ocorrido num país que não o nosso apresentam à nível global refletem de igual forma o mundo em que estamos inseridos e no qual tudo se encontra conectado entre si. Apesar disso, aquilo que se tem vindo a verificar ao longo dos últimos anos é uma redução tanto a nível do número de notícias internacionais como do número de jornalistas correspondentes.

Os avanços tecnológicos, o aparecimento da internet aliado às novas formas de comunicação e proliferação de notícias, a globalização e a crise económica têm sido, no seu conjunto, as causas apontadas para a explicação deste decréscimo. Se tivéssemos de atribuir um lugar classificativo aos correspondentes, no panorama mediático internacional, diríamos que o seu estatuto é quase inexistente. Isto, se o tivermos de comparar com o dos principais detentores de informações internacionais da atualidade, as agências noticiosas e as redes sociais.

Face a este cenário, revelou-se de extrema pertinência perceber qual a importância relativa dada aos temas internacionais no panorama mediático nacional, nomeadamente, no decorrer dos principais jornais televisivos da RTP1 (*Jornal da Tarde e Telejornal*). A RTP é das estações televisivas portuguesas que possuem uma mais vasta rede de jornalistas correspondentes, e se dedica à produção destas notícias.

Assim sendo, a parte I deste relatório dirá diretamente respeito ao órgão de comunicação social em causa. E a qual se iniciará pela apresentação da empresa, passando

por uma breve história da estação televisiva, desde os seus primórdios até à atualidade e acabando pelo diário de bordo, no qual irá constar a minha experiência enquanto estagiária na secção online/multimédia, e onde estarão implícitas também as minhas aprendizagens, os meus desafios e os trabalhos por mim realizados.

A parte II, intitulada “O jornalismo internacional e os seus géneros”, prender-se-á sobretudo com a revisão de literatura feita aos mais variados autores sobre diversas questões, como é o caso da história do jornalismo internacional, o consequente aparecimento da editoria e dos jornalistas correspondentes, bem como a caracterização do atual panorama mediático internacional. Além disso, procurar-se-á também contextualizar o impacto que as notícias internacionais e as suas temáticas têm no quotidiano da vida de cada um, e evidenciar quais as razões que ditam que um acontecimento, ocorrido em qualquer parte do mundo, deva ser noticiado, ou seja, quais os critérios de noticiabilidade presentes quando nos referimos a temas internacionais. De igual forma, importara descrever os géneros jornalísticos que predominam entre as notícias internacionais, e perceber se os mesmos se aplicam quando estamos perante o meio televisivo.

Na parte III, que diz respeito à metodologia, estarão presentes o método e as técnicas de investigação fundamentais para a realização deste relatório. Entre elas constarão três: a análise de conteúdo feita aos principais jornais da RTP1 (*Jornal da Tarde e Telejornal*) durante um período de 15 dias (18 de maio de 2020 a 1 de junho de 2020) com a finalidade de perceber com que frequência as peças internacionais aparecem nestes jornais, caracterizando-as de acordo com vários critérios a nível geral e de conteúdo; a observação participante fornecida e proporcionada através da realização do estágio na RTP e as entrevistas realizadas não só a alguns jornalistas correspondentes da estação, mas também aos editores da secção online/multimédia e do internacional, cujo objetivo será o de confrontar os dados obtidos na análise de conteúdo.

Ainda na parte referente à metodologia estará presente, de igual forma, um novo objeto de estudo: as peças internacionais referentes à Covid-19 ou a outro tema que lhe esteja associado. Este acréscimo advém do contexto de pandemia que levou à necessidade de se acrescentar um novo conjunto de dados, no momento da análise de conteúdo. Tal como as restantes peças internacionais, estas irão ser analisadas segundo os mesmos critérios, previamente estipulados, à exceção da variável que diz respeito à temática das peças.

A parte IV surgirá em consequência das metodologias enunciadas, nomeadamente, da análise de conteúdo e das entrevistas. Nesta parte do relatório realizar-se-á a análise dos dados, constituída pela apresentação dos mesmos e pela sua posterior interpretação. Ambos os pontos terão presentes os resultados obtidos através das peças internacionais no seu conjunto e das que apenas dizem respeito à temática da Covid-19. O intuito nesta parte será o de cruzar os resultados do estudo com as entrevistas e perceber se os aspetos apurados na revisão de literatura se verificam.

Ainda nesta última parte será feita referência ao internacional no digital, na medida em que face ao meu contacto direto com a secção online/multimédia da RTP e através da realização dos meus trabalhos, enquanto estagiária, não pude deixar de constatar o peso que o internacional possui a nível digital. Faz sentido, por essa razão que conste neste relatório.

De um modo geral, aquilo a que me proponho identificar através da realização desta investigação é a importância relativa dada aos temas internacionais ao longo dos dois principais jornais da RTP1, isto é, no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal*. E também se, de alguma forma, o surgimento da pandemia alterou o peso dos temas internacionais no decorrer destes jornais e, se tal se comprovar, se essa alteração poderá vir a prevalecer de alguma forma no futuro.

Parte I: Estágio: Rádio e Televisão de Portugal

1. Apresentação da empresa RTP

A Rádio e Televisão de Portugal, mais conhecida pela sigla RTP, é uma empresa pertencente ao Estado português e responsável pela difusão pública de rádio e televisão em Portugal. Os inícios das emissões de rádio remontam ao ano de 1935, com a Radiodifusão portuguesa (RDP) e as de televisão datam do ano de 1957, com a Radiotelevisão Portuguesa (RTP). Embora a difusão destas entidades fosse feita de forma separada, em 2003 assistiu-se à união destes dois mecanismos num só projeto, ao qual se juntou o online/multimédia.

Atualmente, a empresa conta com 11 canais televisivos- RTP1, RTP2, RTP3, RTP Açores, RTP Madeira, RTP Africa, RTP memória, RTP Internacional, RTP Internacional América, RTP Internacional Ásia e a EEC Secundário¹. E conta também com 8 emissões de rádio- Antena1, Antena2, Antena3, RDP África, RDP Internacional, RDP Açores (Antena 1) e RDP Madeira (Antena 1 e 3)². Além disso, possui uma plataforma de *streaming* RTP play, a *app* RTP Notícias, a *app* RTP Play ZigZag e outras plataformas associadas a programas e serviços da estação, como é exemplo a RTP Arena, a RTP Ensina e a RTP Arquivos.

2. A história da estação televisiva

Após uma emissão experimental ocorrida em 1956 na Feira Popular do Parque da Palhavã em Lisboa, a RTP começou a difundir, de forma oficial, as suas emissões televisivas a partir do dia 7 de março de 1957. O início da estação encontra-se associado à política e à persuasão visto que, sendo a única emissora de televisão em Portugal existente na altura, funcionava como meio de propaganda ditatorial durante o Estado Novo.

Neste sentido, não é de estranhar que até à queda do regime, em abril de 1974, a atividade da RTP fosse fortemente condicionada pelo Estado. Segundo Torres (2011), a

¹ Lista de canais presente na programação de TV da RTP disponível em: <https://www.rtp.pt/tv/>

² Lista de emissões de rádios presente na programação de Rádio da RTP disponível em: <https://www.rtp.pt/radio/>

televisão antes da revolução não se limitava a promover uma “visão pastoral”, mas também se dedicava a servir o Estado, como sendo “o megafone do regime” (pp. 48-49). Mas não apenas pela intervenção estatal fica marcada a criação da RTP: a implementação da publicidade também é evidenciada, uma vez que a estação não só se caracterizava por ser uma empresa de capitais anónimos, ou seja, financiada pelo Estado e por outros acionistas, como também era, simultaneamente, sustentada por publicidade.

A estação televisiva continuou a expandir-se e, em 1968, surge o segundo canal: a RTP2. Posteriormente, surgem também a RTP Madeira, em 1972, e a RTP Açores, três anos mais tarde. Após a revolução de Abril de 1974, que ditou o fim do regime totalitário em Portugal, dá-se a nacionalização do capital social da RTP, um ano mais tarde, e esta passa a assumir-se como uma empresa pública.

É na década de 80 que o paradigma televisivo começa a dar sinais de mudança. A transmissão televisiva passa a ser feita a cores, o facto de a RTP ser o único canal de televisão em Portugal começa a ser considerado insuficiente e a ânsia por um pluralismo televisivo começa a ser visível. Deste modo, e à semelhança do que se assistia no resto da Europa, Portugal começa a dar os primeiros passos para a criação de canais privados de televisão. Em 1992 a RTP perde oficialmente a sua hegemonia televisiva com a criação da SIC (Sociedade Independente de Comunicação) e em 1993 com a da TVI (Televisão Independente).

A década de 90 revelou ser uma era de concorrência face a qual a RTP sentiu a necessidade de se reconfigurar e de encontrar o seu lugar enquanto emissora pública. Para isso foram efetuados vários investimentos que pudessem permitir à estação assumir um lugar de liderança face às novas emissoras privadas.

É neste seguimento que em 1992 e 1998 são criados mais dois canais: a RTP Internacional e a RTP África. Estes projetos iriam permitir alcançar as comunidades portuguesas mais longínquas e competir com os novos conteúdos, oferecidos pelos canais privados em Portugal, e através das quais a RTP se via a perder os seus habituais telespetadores. Ainda nos anos 90, a RTP procedeu à assinatura dos contratos de concessão do serviço público com o Governo.

De acordo com Sobral (2012) esta década é ainda marcada por um outro grande acontecimento, isto é, o aparecimento da televisão por cabo em Portugal. Este novo mecanismo estreou-se em 1994 e fez aumentar a oferta de canais existentes.

Surgiram, deste modo, diversos canais temáticos e a paisagem televisiva portuguesa ampliou a sua realidade. Para além dos dois canais generalistas públicos, começaram a emitir em sinal aberto dois operadores privados e vários outros canais sob a forma de pay TV. A era da concorrência evidencia-se, intensificando a luta pelas audiências por parte dos canais generalistas que procuram apostar em propostas populares que pudessem conquistar público, fossem essas ofertas programas made in Portugal ou formatos importados. (Sobral, 2012, p.148)

O início do novo milénio demonstrou ser para a RTP um momento de grandes controvérsias e dificuldades económicas. Isto é, a entrada de novos canais no mercado televisivo gerou uma grande pressão na estação refletindo-se numa crise financeira, provocada pela perda de audiências, e numa crise de orientação. De modo a resgatar a estação da situação em que se encontrava e à luz do programa Fénix, a RTP sofreu uma reestruturação, cujo principal objetivo era o de assegurar formas de financiamento que tivessem por base limites já estipulados e medir com rigor os custos relativos ao serviço público.

Contudo, e numa tentativa de fazer face ao endividamento do canal, em 2002 o Governo mostra interesse em privatizar um dos canais da estação, a RTP2, e manter apenas um canal público. “Esta medida foi muito contestada devido ao facto de o segundo canal ser considerado pela elite cultural como o melhor canal de televisão portuguesa” (Borges, 2006, p.2). Face a este descontentamento, o Governo decidiu que em vez de privatizar o canal, este iria estar disponível à participação da sociedade civil. O que Borges (2006) considera ter sido uma estratégia arranjada pelo governo face à incapacidade demonstrada de tornar o canal privado (p.3). O novo conceito, que foi intitulado por “2”, não tardou a voltar à sua designação inicial.

Atualmente, a empresa ramifica-se um pouco por todo o país. A Lisboa, cidade onde se situa a sede da estação, junta-se o centro de produção do Porto e vários outros centros de emissão regional³, como são os casos de Bragança, Coimbra, Castelo Branco,

³ Centros de emissões regionais presentes na informação adicional do espaço informativo *Regiões* disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p1155>

Vila Real, Viseu, Coimbra, Évora e Faro. Além destes, a RTP Açores e a RTP Madeira também dão o seu contributo a nível de notícias regionais. A estação também se caracteriza por possuir uma vasta rede de jornalistas correspondentes um pouco por todo o mundo, nomeadamente, em Madrid, Paris, Bruxelas, Washington, Rio de Janeiro, Luxemburgo, Moscovo e nos PALOP.

3. Diário de Bordo

Com um nervoso miudinho, foi no dia 3 de fevereiro de 2020 que me apresentei no meu primeiro dia de estágio na RTP, em Lisboa. Chegada às instalações foi-me pedido que me encaminhasse até a RTP Academia onde tratei de alguns processos burocráticos e fiquei a conhecer os restantes estagiários, que tal como eu iriam iniciar a sua jornada nesse dia. De seguida, foram-me apresentadas as instalações de rádio e de televisão e a secção online/multimédia, onde viria a experienciar o meu primeiro contacto direto com a profissão.

Os dois primeiros dias de estágio foram, essencialmente, de descoberta e apresentações, não só dos jornalistas que me iriam acompanhar nesta experiência, mas também dos programas usados pela secção (ICM, ENPS e vídeo to web). Além de que, me foi dada também a oportunidade de assistir de perto a alguns segmentos de programas que estavam a ser emitidos em direto, nomeadamente, *o Jornal das 12* transmitido na RTP3, o programa *a Nossa Tarde* da RTP1 e parte das emissões de rádio da antena 1 e da RDP internacional.

A secção online/multimédia funciona por dois turnos, um da parte da manhã e outro da parte da tarde, nos quais se encontra sempre presente um dos coordenadores. A secção é assim constituída por editores, jornalistas e uma infografista. Para além do som (conteúdo noticioso das rádios) e dos vídeos (conteúdo noticioso dos telejornais) os jornalistas procedem também à elaboração de outras notícias. O conteúdo elaborado pela secção é divulgado no site da RTP notícias e na aplicação, onde quem a detém recebe um alerta nos seus telemóveis ou browsers. Além disso, podem também ser visualizadas nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*. As publicações do *Facebook* são, por norma, agendadas, o que já não acontece com as do *Twitter*.

De modo a facilitar o meu contacto com a equipa, foi-me atribuído um e-mail pessoal da empresa, meio através do qual os jornalistas comunicavam entre si e partilhavam os seus ficheiros de trabalho. Era, então, através desse e-mail que eu recebia as minhas tarefas. Todas as manhãs o editor que estivesse presente, por norma o jornalista Carlos Neves, enviava-me as notícias que iriam servir de tema à elaboração dos meus trabalhos⁴. Quando tal, não acontecia, era-me proposto fazer uma pesquisa sobre notícias do dia que fossem relevantes e que não teriam sido ainda publicadas no site.

A ideia era diversificar e cruzar várias fontes. Para isso, recorria a diversos sites de jornais internacionais e nacionais, como o *The Guardian*, *Le Monde*, *Le Figaro*, *El País*, *Sky News*, *The Jerusalem Post*, *CNN*, *The New York Times*, *BBC*, *Público*, *Diário de Notícias*, entre outros. E também a sites de agências noticiosas, como era o caso da *Lusa*, a *AFP* (Agence France- Press) e a *Reuters*.

Depois de escolhida, a notícia era aprovada ou não por um dos editores e antes de proceder à elaboração da mesma fazia uma breve pesquisa em outros sites de jornais do país do qual era oriunda a notícia base, de modo a obter mais informações. Quando tinha a minha notícia concluída, ela era corrigida por um dos coordenadores ou jornalistas presentes, que me explicava as alterações efetuadas, escolhia uma imagem que estivesse em consonância com o tema, colocava uma legenda e de seguida a publicava no site da RTP notícias. Caso se justificasse, a peça era publicada em destaque no site e, posteriormente, partilhada nas redes sociais. Sempre que elaborava uma notícia ela tinha de se fazer acompanhar pelos tópicos e palavras chave que eu considerasse mais relevantes.

Apesar de todos os jornalistas da redação estarem habilitados a escrever sobre os mais variados assuntos, havia alguns profissionais que se dedicavam a temas específicos, como era o caso do Desporto e dos acontecimentos políticos oriundos do Médio Oriente. Neste sentido, dois dos meus trabalhos que tiveram como título “Israel aprova nova expansão de colonatos que divide a Cisjordânia” e “Israel. Netanyahu acusa Gantz de tentar roubar-lhe a vitória nas eleições” foram corrigidos pelo jornalista Paulo Amaral, que era por norma um dos redatores que se dedicava particularmente a este tema.

⁴ Todos os meus trabalhos enquanto estagiária podem ser consultados no fim deste relatório no anexo I.

À medida que as primeiras semanas foram passando, foi-me dada a oportunidade de aceder ao banco de imagens da *Lusa*, de modo a escolher a que melhor se enquadrava com a minha notícia. Além disso, tive também a ocasião de elaborar uma reportagem multimédia, “Investigadores de Aveiro criam capa de volante que deteta fadiga de condutores”, com a ajuda do jornalista Nuno Patrício. Após preparar um guião de perguntas, a entrevista telefónica foi feita pelo mesmo à investigadora da Universidade de Aveiro, Helena Alves, e gravada nos estúdios de rádio da estação. Depois de proceder à construção e edição da reportagem, ela foi publicada no site com vários elementos multimédia, de texto, som e imagem.

Durante a minha presença na redação, constatei que muitas universidades do país, nomeadamente a de Aveiro e do Minho, enviavam com alguma regularidade notas de imprensa. Neste sentido, um dos meus trabalhos “Universitários de Aveiro criam sistema de iluminação para crianças marroquinas” e inclusivamente a reportagem multimédia, tiveram por base uma dessas notas enviadas pelas universidades. Para poder elaborar a notícia sobre o sistema de iluminação, tive de proceder a uma pesquisa prévia sobre o projeto automobilístico em que os alunos estavam envolvidos, para que, assim, o meu texto fosse o mais coeso e completo possível.

De um modo semelhante operava também a agência *Lusa*, que nos fazia chegar à redação os seus textos jornalísticos. Estes podiam ser publicados com a autoria da própria *Lusa*, o que por norma acontecia, ou então serviam de informação a uma notícia. No meu caso, serviu de informação à notícia intitulada “Hospital das Forças Armadas. Tribunal de Contas denuncia anomalias na gestão”.

Face à situação de pandemia que se vivia pelo mundo fora e pelo avultado número de notícias sobre o novo coronavírus, tornou-se necessário proceder à criação de uma categoria extra, tanto no site da RTP notícias como na *App*, e que fosse especificamente só sobre o tema da Covid-19. O objetivo era dar aos leitores uma maior organização temática e facilidade de acesso às notícias sobre esta questão.

Aquando da minha presença na secção, tive a oportunidade de assistir de perto ao aparecimento dos primeiros casos de infeção por Covid-19 em Portugal, e perceber como é que uma redação procede face a um acontecimento desta magnitude. Confesso que a azáfama presente em toda a redação me fez repensar se estava no lugar certo, mas rapidamente as dúvidas se dissiparam, pois, afinal, ser jornalista é isso mesmo.

Desde o surgimento dos primeiros casos, até à subida galopante, em número e gravidade, o meu estágio teve de ser interrompido a 13 de março de 2020, o que me impossibilitou de completar os três meses estipulados. As rotinas jornalísticas da redação alteraram-se e toda a secção online/multimédia teve de ficar em regime de teletrabalho. De forma a que todos pudessem ter as mesmas condições de trabalho e acesso à rede interna da estação, os jornalistas puderam levar o material informático para suas casas. As secções cuja possibilidade de teletrabalho não era viável foram distribuídas e organizadas pelo espaço existente na estação, de forma a garantir um maior afastamento entre todos.

3.1 Desafios e aprendizagens

Apesar de breve, faço um balanço bastante positivo do meu estágio. Desde o primeiro dia que a equipa me fez sentir como um dos seus elementos, onde qualquer jornalista, sem exceção, se mostrou disponível para me auxiliar sempre que fosse necessário. O ambiente na redação era bastante agradável, amigável e bem-disposto, onde o gosto pela profissão e pelas tarefas que desempenhavam era transversal a toda a equipa.

O facto de os meus trabalhos serem constantemente corrigidos por um coordenador ou jornalista fez com que tivesse consciência dos meus erros e que trabalhasse os meus artigos de forma a melhorá-los. Além disso, o facto de as minhas notícias não serem sempre corrigidas pelos mesmos profissionais, levou a que as críticas feitas fossem todas diferentes, o que me permitiu ter em atenção diversos aspetos relativamente à minha escrita.

Ao longo do estágio, vários foram os temas sobre os quais me foi proposto escrever. Desde a política, à economia, à cultura, ao ambiente, à ciência, à religião e ao desporto em todos eles, sem exceção, tive de proceder a uma pesquisa inicial sobre o assunto em questão, para me poder contextualizar e estudá-lo antes de o começar a redigir. O que acabou por se tornar em simultâneo num desafio e numa aprendizagem. Era desafiante por ter de, num curto espaço de tempo, me familiarizar com um tema, e por me ter dado mais bagagem de conhecimento sobre diversas áreas.

Outro desafio encontrado foi o de dar um enfoque diferente a uma notícia que já estava ou tinha sido retratada por outros jornais, sem cair no erro da repetição de informação, tanto no caso de jornais portugueses como internacionais.

A maior aprendizagem foi sem dúvida escrever para o online. Pois, habituada a uma escrita rápida e sucinta, foi o online que me levou a desenvolver mais a minha escrita jornalística. Algo que se pode verificar através da lista referente aos meus trabalhos realizados ao longo do estágio. Isto porque, se ao longo da primeira semana apenas escrevia uma notícia por dia, à medida que o tempo foi passando conseguia acabar o dia com duas a três notícias escritas e publicadas.

O facto de estar numa redação com uma pandemia a crescer a nível mundial e nacional tornou o meu trabalho mais desafiante, na medida em que chegou a um momento em que não havia heterogeneidade de temas, ou seja, a maior parte dos acontecimentos sobre que me era proposto escrever giravam em torno da Covid-19. Situação que, apesar de ser monótona, acabou por me dar mais competências e ferramentas à minha escrita, uma vez que tentava em todas elas dar uma perspetiva diferente ao tema, de modo a evitar cair na redundância.

Se tivesse a oportunidade de mudar algo, ao longo da minha experiência, seriam apenas aspetos referentes aos recursos de trabalho existentes. Quer isto dizer que, em vez de ter de aceder a um arquivo de imagens externos à estação, como acontece com as imagens provenientes da agência *Lusa*, acho que seria mais vantajoso se a RTP usasse os seus próprios arquivos quando se trata de trabalhos da sua autoria. Assim, mesmo que o tema da notícia fosse transversal a vários órgãos de comunicação, a RTP, ao colocar as suas próprias imagens fazia com que houvesse uma maior heterogeneidade e exclusividade de peças. Outro aspeto seria também a implementação de mais secretarias e computadores na redação, isto porque aquando da minha permanência na mesma, houve uma ou outra situação em que tive de partilhar o computador com os meus colegas, devido à escassez de material informático. O que tornou os nossos trabalhos mais morosos quando eram feitos individualmente, visto que por vezes as notícias eram elaboradas a pares. As quartas-feiras eram por norma os dias mais complicados em termos de espaço, uma vez que era o dia da semana em que todos os jornalistas da secção estavam presentes. Além disso, o facto de os computadores já serem um pouco antigos levava a que muitas das vezes estes ficassem lentos e que bloqueassem.

Parte II: O jornalismo internacional e os seus géneros

1. O jornalismo internacional

1.1. A perspetiva histórica e evolução da editoria internacional

As raízes do Jornalismo internacional remontam ao século XIX, época em que começaram a surgir as primeiras empresas mediáticas internacionais. Contudo, a data do nascimento desta editoria é motivo de discórdia por parte de diversos autores. Segundo Viana e Lima (2012) o jornalismo internacional surgiu no século XVI, durante a época mercantil e pela necessidade de os comerciantes europeus saberem o que se passava no resto do mundo a nível político e económico. Já para Williams (2011), este tipo de jornalismo consolidou-se no século XIX, embora as primeiras notícias começassem a circular dois séculos antes, numa altura em que as informações sobre lugares mais distantes não passavam de boatos (p. 47).

Neste sentido, e assumindo que esta editoria nasceu no decorrer do século XV, a época mercantil fez com que as notícias internacionais que transitavam apenas entre comerciantes passassem a ser transmitidas por toda a sociedade e pagas, dado o aumento da sua circulação.

Na europa, nomeadamente, na Holanda, começaram a surgir os chamados *corantos* que se traduziam por ser jornais que tinham na sua base informações económicas e políticas sobre países estrangeiros. Também na Inglaterra surgiram as *gazetas* que continham notícias internacionais, mas com a particularidade de estas se basearem em fontes governamentais. Outra forma usada para a divulgação destas notícias foram as *newsletters* criadas por um importante banqueiro alemão que, como os seus negócios estavam situados na Bélgica, começou a usar estas cartas para entrar em contacto com os seus agentes, e assim trocaram informações. O aparecimento destes impressos pré-jornalísticos, cuja preferência temática era dada aos acontecimentos que ocorriam no estrangeiro, levou a que o internacional se transformasse no berço do jornalismo.

O processo evolutivo decorrente desde os seus primórdios até ao século XIX permitiu que o jornalismo internacional se fosse expandindo e aperfeiçoando, pois “ainda que os jornais impressos fossem normalmente transportados a grandes distâncias, já no século XVI, vale salientar que somente no século XIX é que o fluxo internacional de informações se tornou mais extensivo e organizado” (Viana & Lima, 2012, p.3).

A introdução de novas tecnologias e a aceleração da transmissão de notícias em diferentes países do mundo foram os principais fatores que estiveram na base do desenvolvimento desta editoria. Em consonância estiveram o aparecimento dos jornalistas correspondentes e o das agências noticiosas, duas facetas desta prática jornalística.

Assim sendo, os autores Viana e Lima (2012) definem o jornalismo internacional como sendo a prática jornalística cujo principal objetivo é o de cobrir acontecimentos em diversas partes do mundo, para uma população que não tem acesso aos factos que ocorrem em outros países (p.11).

1.2. A emergência e a realidade dos jornalistas correspondentes internacionais

O surgimento dos primeiros jornalistas correspondentes foi impulsionado pela consolidação da editoria internacional no século XIX. Aqueles caracterizavam-se por serem “pessoas com disponibilidade em Londres ou Paris, que escreviam cartas para casa, assim como passageiros ou tripulantes, que arribavam aos portos, trazendo jornais de outros sítios e contando as suas próprias histórias” (Cole & Hamilton, 2008, citado por Coelho, 2015).

O auge da figura de correspondente deu-se no século XX com a cobertura das duas guerras mundiais. Os anos entre estes dois conflitos ficaram conhecidos como os “anos dourados” destes profissionais, conferindo-lhes uma posição privilegiada na profissão de jornalista. Desde este período que a sociedade foi mitificando esta figura como se de um herói se tratasse, tais eram os perigos a que estavam sujeitos.

Era o herói do imaginário criado pelos livros e filmes. Era, então, o herói que transmitia a realidade de um mundo conturbado e que vivia uma vida boémia.

Era o herói galã que em cada país tinha um amor diferente. Era o herói que, por vezes, e em nome da pátria ou do amor, mantinha uma relação estreita com os serviços secretos, indo algumas vezes além de apenas uma relação estreita.

(Laranjeiro, 2009, p.6)

Consequentemente, esta ilusão levou à criação de um estereótipo em torno do correspondente internacional. Segundo Rodrigues (2008) existem também outras representações dos correspondentes tais como ser um cidadão do mundo, um indivíduo que vive permanentemente entre várias culturas e um cosmopolita (p.46). Todas elas, sem exceção, não deixam de ter a sua veracidade, tal é a diversidade das zonas cobertas pelo trabalho de um correspondente.

Se em tempos anteriores os jornalistas correspondentes sobressaíam pelo seu estatuto de elite, atualmente isso já não acontece. O aparecimento de novos media, em alternativa aos tradicionais, levou a que a profissão se alterasse tanto na forma como é desempenhada como no modo em que são produzidas as notícias. A própria figura de correspondente acaba também por se transformar, dada a facilidade do acesso à informação e à velocidade em que essas informações são distribuídas.

Para Barrett (1977), citado por Williams (2011) existem três grande tipos de correspondentes, isto é, os que têm uma sede noutra país que não o seu de origem, os repórteres gerais que se dedicam à cobertura de grandes acontecimentos internacionais e os *stringers* que se subdividem em duas categorias: os que se encontram ligados a um órgão de comunicação e são remunerados pelos serviços prestados e aqueles que produzem as suas próprias notícias e as vendem a quem as queira adquirir.

Agnez (2015) salienta que existem várias formas de cobertura internacional, como é o caso dos enviados especiais, que se caracterizam por serem jornalistas deslocados para outro país com o objetivo de fazer a cobertura pontual de um acontecimento e as agências noticiosas que se definem por serem produtoras de notícias para vários meios de comunicação.

A contratação de nativos também é outra das formas evidenciadas pela autora. Consiste na requisição de pessoas de outros países para a produção de conteúdos jornalísticos de determinadas localidades, a compra de notícias locais pelos órgãos de comunicação e o jornalismo cidadão, como a produção de notícias amadoras. Este último caracteriza-se por ser a forma mais criticada pelos jornalistas profissionais, uma vez que qualquer indivíduo consegue cobrir um acontecimento no mundo, apenas com base em informações pesquisadas (pp. 315-316).

Posto isso, torna-se legítimo afirmar que ser correspondente internacional é uma profissão que se encontra em reconfiguração a vários níveis. A redução do número destes

profissionais está relacionada com os gastos económicos que uma rede de correspondentes acarreta para o órgão que representa. Essa rede acaba por não se justificar, tendo em conta os baixos custos que as outras formas de cobertura internacional apresentam.

Num tempo em que as preocupações económicas se assumem como determinantes, ganha peso uma questão muito pragmática: saber se o alto custo do noticiário internacional e sobretudo uma extensa rede de correspondentes é de facto equilibrado com a ‘conquista’ de mais leitores ou ganhos publicitários, trazidos por essa mesma cobertura. Para algumas organizações a resposta pode ser um simples ‘não’, e conseqüentemente estas buscam maneiras alternativas de realizar a cobertura internacional, ou então prestam-lhe pouca atenção. (Hannerz, 2004, citado por Rodrigues, 2008)

A autora Agnez (2015) partilha da mesma opinião, referindo que manter escritórios e correspondentes em diferentes partes do mundo tem um custo mais elevado do que as tecnologias digitais (p.317). O digital não só torna o acesso às informações mais prático como é mais barato. As rotinas de trabalho dos correspondentes também se modificam, na medida em que a autonomia é substituída por uma liberdade condicionada, ou seja,

à mudança tecnológica acresce o facto de autonomia querer significar muitas vezes solidão. Por isso, e sobretudo quando o correspondente é o único representante de um órgão de comunicação, estes profissionais funcionam num regime que poderíamos denominar de liberdade condicionada. Porque “a liberdade de movimento é proporcional à ‘obrigação’ de disponibilidade e à falta de apoio no terreno. (Rodrigues, 2008, p.53)

A contenção de custos leva a que estes correspondentes, com sede fixa, tenham de realizar múltiplas tarefas que outrora eram partilhadas por um conjunto de pessoas. Para além de recolherem a informação têm também de desenvolver tarefas

administrativas, e fornecer apoio de background⁵ aos enviados especiais sobre os temas de que vão fazer cobertura.

Outra mudança visível é a área que o jornalista tem de cobrir, pois já não se limita ao país em que se encontra, os países envolventes também passam a fazer parte da sua atenção. Deste modo, o correspondente vê-se confrontado com uma variedade de países, culturas, políticas e idiomas aos quais tem de responder e demonstrar estar constantemente atualizado.

A prática noticiosa do correspondente também é afetada. A crescente diversidade de fontes de informações leva a que seja impossível, ao jornalista, fazer uma compilação de todo o material existente antes de proceder à construção da notícia propriamente dita. Para Coelho (2015) os novos media e os avanços tecnológicos permitiram também a utilização de novas fontes tais como as redes sociais e os canais de notícias de 24h (p. 18).

Apesar de os jornalistas correspondentes já não terem acesso exclusivo à informação e de já não serem os únicos com competência em transmiti-la, a extinção destes profissionais nunca acontecerá dada as suas capacidades de adaptação, ou seja, “a história dos correspondentes internacionais assemelha-se à história natural. Tal como um ser vivo, ela adapta-se ao longo dos tempos às mudanças que vão surgindo, de modo a garantir a sua sobrevivência” (Cole & Hamilton, 2008, citado por Williams, 2010).

Segundo Marthoz (2018) o desempenho da função de um correspondente terá de acompanhar a globalização do mundo e ter em atenção a transversalidade dos temas que se propõe cobrir (p.107). Neste sentido, os correspondentes internacionais caracterizam-se por serem todos aqueles jornalistas que se dedicam à cobertura noticiosa de uma área geográfica específica, na qual pode incluir um ou mais países que não o seu de origem.

1.3 O funcionamento do sistema mediático internacional

Nos dias que correm a informação chega aos consumidores de uma forma quase instantânea, processo no qual as agências noticiosas revelam ter uma grande importância.

⁵ Este apoio encontra-se relacionado com os contextos históricos, sociais ou culturais necessários ao enquadramento da ocorrência de determinado evento.

Estas empresas caracterizam-se por funcionar através de um negócio em torno da informação.

Uma agência de informação não é senão uma empresa grossista que procura e vende documentos da atualidade a outras empresas de informação e, exceccionalmente, a particulares, assegurando-lhes um serviço de informação completo e imparcial (...) já lá vão quase duzentos anos desde que o ilustre cidadão francês Charles-Louis Havas, deu o mote para a criação da primeira entidade destinada exclusivamente a fornecer às empresas de informação aquilo que sustenta a sua existência: notícias. (Santos, 2007, citado por Magalhães, 2011)

Cada vez mais, estas agências oferecem aos media a oportunidade de terem uma cobertura quase total do panorama mediático mundial, bem como a de fornecer informações aos leitores no momento em que elas ocorrem. Além do mais, Marthoz (2018) considera ainda que a imparcialidade é outra das mais-valias presentes nas agências, uma vez que, ao prestarem serviços a um público tão vasto e heterogéneo, têm a capacidade de se mostrarem neutros perante as informações que divulgam (p.55).

A frequente recorrência a estas fontes de informação, sobre notícias internacionais, deve-se essencialmente a dois aspetos: os baixos custos que lhe estão associados e a exigência dos leitores. De todas as outras formas de cobertura internacional, estas são as que apresentam menos custos para os media. Ao recorrerem aos seus serviços, “passam a contratar um menor número de repórteres, e em troca têm a garantia de receber as mais recentes e importantes informações sobre os mais variados assuntos do seu interesse” (Nascimento, 2008, citado por Praça, 2013). A presença de leitores, cada vez mais exigentes e atualizados no mundo informativo, tornou-se uma realidade. Estes deixaram de ser simples recetores de informação e passam a ser mais críticos e seletivos face à multiplicidade de conteúdos a que têm acesso.

Neste sentido, não só as agências noticiosas se constituem como reguladoras do sistema mediático internacional. Os novos media, dos quais fazem parte as redes sociais, têm assumido um papel relevante neste paradigma, cuja emergência contribuiu para

algumas mudanças significativas no meio. Nomeadamente, a criação daquilo que Canavilhas (2010a, 2010b) considera um novo ecossistema mediático, no qual o “consumo de notícias passou a ser individual, móvel, ubíquo e contínuo” (p.8). Este cenário provocou nos media convencionais efeitos avassaladores, o que ditou a sua reconfiguração e posterior adesão aos meios digitais, dado o potencial visto nestas plataformas como uma boa maneira de angariar novos leitores e de manter os habituais por perto.

É então através do espaço mediático, proporcionado pelas redes sociais, que as notícias, incluindo as internacionais, são consumidas. Este consumo é feito pelos leitores de duas formas: indo diretamente às redes sociais dos media tradicionais ou ficando pelas notícias partilhadas no seio das suas redes de amigos virtuais. O autor Canavilhas (2010a, 2010b) considera que são os leitores, ao demonstrarem interesse em certas notícias nas suas redes sociais, através de partilhas e comentários, que fazem com que se transformem numa nova versão de *gatekeepers* (p.4). A questão da participação dos leitores no processo noticioso alcança, neste contexto, dimensões sem igual, ou seja, as audiências, ao passarem a debaterem os seus pontos de vista na esfera mediática digital, sobre determinados temas ou notícias, fazem desencadear, junto dos jornalistas, potenciais pistas daquilo que se pode vir a tornar notícia. O poder destas plataformas no sistema mediático é assim bastante notório, o que faz com que sejam elas a ditarem a agenda.

Ora se são as redes sociais que ditam o que deve ser noticiado e são, simultaneamente, uma das principais fontes mediáticas, isto leva-nos a um problema: a homogeneização das notícias internacionais. Diariamente, os leitores são bombardeados com as mesmas informações nos mais variados meios de comunicação. Williams (2011) apresenta como justificação à standardização das notícias o efeito da globalização e os padrões do jornalismo mundial (p.22). Em consequência das dificuldades económicas dos media em manter as suas redes de correspondentes, tornou-se mais fácil e sustentável para estas empresas a aquisição de informações internacionais junto das agências noticiosas e das redes sociais.

Em simultâneo com a uniformização das notícias internacionais, há também um decréscimo do seu consumo. Este problema ganha força, numa época em que a globalização se encontra no seu auge e as sociedades cada vez mais conectadas entre si. Para além disso, e à semelhança do que acontece com as agências, os novos media acabam por se destacar, em relação às outras formas de cobertura, visto que ambos são capazes

de divulgar, a uma rápida velocidade, as informações mais recentes sobre os mais vários assuntos.

No entanto, a cobertura mediática internacional não passa só pelas agências noticiosas e as redes sociais, isto é, elas não são as únicas produtoras, embora assumindo uma grande parcela daquilo que é divulgado. Outras formas também são usadas, como os enviados especiais:

A sua missão, senão sempre, na maioria dos casos, é limitada temporalmente.

Os jornalistas que são enviados especiais deslocam-se a um local estrangeiro para cobrir determinado acontecimento, que pode ser ou não guerra. Quando o propósito que o levou a determinado local está cumprido, ele regressa ao seu local de trabalho habitual. (Laranjeiro, 2009, p.23)

Estes, à semelhança dos restantes, tornam-se alternativas economicamente mais sustentáveis do que os jornalistas correspondentes. Contudo, é de salientar que isso não significa que estes se tenham extinguido. Têm apenas um papel mais discreto, e encontram-se, muitas vezes, em cooperação com as agências.

De um modo geral, o funcionamento do sistema mediático internacional passa por um decréscimo do uso de correspondentes e pela preponderância das agências noticiosas e dos enviados especiais, sem esquecer os media digitais que também detêm uma parcela bastante significativa. Quem mantém, ainda, a sua rede de correspondentes, possui algo extremamente valioso, na medida em que “o jornalista poderá ter um olhar peculiar acerca de um facto e produzir uma notícia que não será oferecida pelas agências” (Agnez, 2015, p.6). Além do mais, o negócio estabelecido em torno das informações noticiosas leva a que o autor Marthoz (2018) considere que as notícias sejam cada vez mais vistas como uma espécie de mercadoria e a produção das mesmas esteja dependente de fatores que consigam trazer um maior benefício económico (p.21).

2. As notícias internacionais no jornalismo atual

2.1 O conceito de notícia internacional

A definição de notícia internacional torna-se uma tarefa bastante difícil devido à ambiguidade do termo. Para Agnez (2015) a falta de clareza naquilo que é ou não considerado internacional leva a que seja difícil para os jornalistas decidirem se um determinado acontecimento deve ou não ser noticiado (p.315). Neste sentido, é importante ressaltar que este conceito se encontra fortemente associado à designação de notícia nacional.

De acordo com Colombo (1995) o antigo critério de divisão de notícias já não se adequa. O internacional já não se caracteriza por ser aquilo que se encontra além-fronteiras, nem o nacional o que se encontra dentro das fronteiras. Isto, devido ao facto de haver um fator capaz de ultrapassar esses limites: o cultural objetivo que se traduz por ter por base as perceções de quem vive e recolhe a informação (pp.121- 122).

Os limites do internacional são assim postos em causa, bem como a própria designação do termo, uma vez que se assiste à emancipação das notícias transnacionais em substituição das internacionais:

O fenómeno mais interessante do jornalismo outrora chamado de internacional está no aparecimento e na imposição de uma forma, cada vez mais evidente, de notícias que não nascem próximas, mas têm consequências próximas, que ocorrem noutra lugar, mas que dizem respeito a todos, que se deixam prender pelas fronteiras, mas envolvem o mundo ou vastas regiões. (Colombo, 1995, p.126).

No fundo, esta tipologia de notícias acaba por assentar na relação existente entre os povos e as pessoas, e não colocar a tónica nas especificidades culturais de cada país, pois é a única maneira de conseguirem chegar a mais pessoas, que mesmo sendo de nacionalidades diferentes podem vir a sentir-se visadas por uma determinada informação.

Os tempos atuais caracterizados pela intensificação de um modo de vida cada vez mais global e interconectado das sociedades acaba também por ter repercussões nas notícias internacionais. Isto acontece, na medida em que a globalidade presente nas sociedades pode levar o leitor a pensar que uma notícia nacional deixe de ser considerada

como tal, devido ao impacto que esta possuiu no seu país e em outras partes do mundo. Tal como explica Gerodimos (2013) esta interconexão leva a que as fronteiras presentes entre o local e o global sejam cada vez mais difusas e difíceis de estabelecer. Por isso, torna-se fundamental que o leitor tenha a capacidade de entender de que forma é que os acontecimentos internacionais podem ter repercussões a nível local e vice-versa. O autor garante também que este entendimento tem de passar pela mudança na forma como são escritas e produzidas as notícias (pp. 479-480).

A dificuldade aliada à ambiguidade presente na maneira como os jornalistas e nós, enquanto sociedade, nos devemos pronunciar sobre questões internacionais leva a que sejam utilizadas várias designações, como é o caso das notícias internacionais, transacionais e das notícias globais.

2.2 A importância das notícias e as suas temáticas

As notícias internacionais caracterizam-se por ter uma grande relevância para todos nós enquanto sociedade, visto que são elas que, através das suas representações, nos permitem ter uma visão detalhada do mundo que nos rodeia. De acordo com Correia (2011), são as notícias que nos dão as explicações para os fenómenos que ocorrem, proporcionando-nos uma sensação de tranquilidade e segurança, uma vez que nos oferecem informações credíveis e publicamente aceitáveis de tudo o que acontece no mundo (p.55).

Além disso, a pertinência destas notícias é reforçada quando a única forma de contacto que muitas pessoas têm com outras culturas e países é por intermédio dessas mesmas notícias. A globalidade, que caracteriza os tempos atuais, faz das notícias internacionais um mecanismo essencial para a compreensão de como este ambiente global funciona. A perceção de que um acontecimento que ocorra do outro lado do mundo virá a ter repercussões em outros países, incluindo naquele em que estamos inseridos, faz com que seja imperativo o desenvolvimento de um olhar internacional. Gerodimos (2013) afirma que essa perspetiva deve ser fornecida pelos próprios jornalistas, uma vez que estes têm o dever de informar o público daquilo que os pode afetar (p.480).

Estas notícias apresentam também a função de aproximarem comunidades e pessoas, que apesar de viverem em diferentes partes do mundo, ficam a entender mais sobre diversos acontecimentos que sejam semelhantes para todos.

Posto isto, o jornalismo internacional e conseqüentemente as suas notícias regem-se pela aplicação de temas específicos, ou seja, um acontecimento internacional só vai adquirir uma dimensão noticiosa se respeitar determinadas temáticas. Segundo Natali (2007), citado por Viana e Lima (2012) existem quatro temas que devem ser relevantes quando nos referimos ao internacional: as guerras e os conflitos, as eleições, as epidemias e as tragédias. Qualquer jornalista que tiver de escolher entre dois acontecimentos dará preferência aquele que se enquadrar dentro destes tópicos.

Além disso, a editoria internacional dá preferência ao tema da violência, isto é, “a maioria dos conflitos que se tornam notícia para a editoria internacional tem como característica comum a violência. A riqueza visual da violência é talvez o principal estimulante para o seu uso no noticiário internacional” (Viana & Lima, 2012, p.8).

De acordo com Rodrigues (2008) os assuntos ligados ao tema da política têm vindo a perder preponderância em relação a outros como a cultura, a economia, a sociedade e o desporto. A cobertura política só ocorre quando existem grandes eventos ou então sempre que se encontra associada a outros temas (p.192).

2.3 Os critérios de noticiabilidade

“Para que um acontecimento seja considerado noticiável tem que se ancorar num enquadramento narrativo que seja familiar e reconhecível tanto pelos jornalistas como pelas audiências situadas numa cultura, em particular” (Correia, 2011, p.56).

Neste sentido, é notório que nem todos os acontecimentos do dia podem vir a tornar-se notícia, e que os jornalistas devem proceder a uma seleção de factos, de modo a identificar quais são os mais relevantes. Para que tal seja possível, existem mecanismos aos quais a comunidade jornalística deve recorrer. Wolf (1987) denomina esses mecanismos como valores-notícia que são critérios que se encontram ao longo de todo o processo de produção noticiosa, isto é, desde o momento da seleção dos acontecimentos até a sua posterior transformação em notícia (p.195).

Os primeiros valores-notícia foram implementados por Galtung e Ruge, que após a elaboração de um estudo concluíram que existiam doze critérios que ditavam quais os acontecimentos que poderiam ser transformados em notícias.

1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia correspondente ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é, a necessidade de manter equilíbrio nas notícias pela diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor notícia da proeminência do agente de acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; 12) a negatividade, ou seja, o valor que se rege segundo a máxima *bad news is good news* (“más notícias são boas notícias”). (Traquina, 2002, p.179)

Apesar de os autores Galtung e Ruge terem conseguido identificar uma série de valores-notícia, estes apenas diziam respeito à parte da seleção noticiosa. Wolf (1987) foi mais longe e abordou os valores-notícia na perspectiva da seleção e da construção noticiosa, uma vez que para o autor os jornalistas acabam por se debruçar em ambos os critérios quando escolhem e transformam um acontecimento em notícia (p.200). Os valores-notícia de seleção podem ser subdivididos em dois grupos: os critérios substantivos e os critérios contextuais. Enquanto os primeiros dizem respeito à importância e ao interesse que um acontecimento tem de possuir para ser noticiável, os segundos estão relacionados com o contexto em que a notícia é produzida.

Entre os critérios substantivos podemos encontrar a morte, que é “um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa, e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico, que é apresentado diariamente nas páginas dos jornais e nos ecrãs de televisão” (Traquina, 2002, p.187). A notoriedade que o ator principal do acontecimento possui é outro valor-notícia que a comunidade jornalística utiliza na seleção do facto a noticiar, bem como a proximidade da ocorrência, seja a nível

geográfico ou cultural. Associado à proximidade está a Lei *McLurg*, segundo a qual, a noticiabilidade de um facto é descartada quanto maior é o afastamento do leitor, isto é, tendo como exemplo uma tragédia de aviação ela só terá visibilidade se o acontecimento for próximo do público alvo, independentemente das vítimas mortais que possam resultar do acidente. A esta lei encontra-se também subjacente outro valor-notícia, a relevância, pois tem mais hipóteses de ser notícia um facto que cause mais impacto nos leitores.

A novidade é outro valor usado pelos jornalistas e um dos mais prestigiados e importantes dentro da profissão, isto acontece na medida em que o desafio do dia a dia de um jornalista é precisamente apresentar aos seus leitores o que há de novo na sociedade e no mundo em que vivem. É neste contexto que o fator tempo se emancipa, visto que o acontecimento tem de ser atual ou em outros casos lembrado dada a sua importância no passado, isto é “a existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir de *new peg*, ou “cabide” (literalmente, “cabide para pendurar a notícia”) para outro acontecimento ligado a esse assunto” (Traquina, 2002, p.189).

O valor-notícia notabilidade também é usado na seleção jornalística. Este diz respeito à visibilidade do acontecimento em diversas formas, nomeadamente, no número de pessoas envolvidas, na inversão do sucedido, no insólito (pouco comum), numa falha, como são exemplos os acidentes, no que é escasso e abundante, no inesperado, no conflito, na violência e na infração ou escândalo.

Por outro lado, e tal como já foi referido anteriormente, dentro dos valores-notícia referentes à seleção encontram-se também os critérios contextuais. A disponibilidade ligada à facilidade encontrada na cobertura de um determinado acontecimento é um dos valores-notícia pertencentes a este subgrupo. O mesmo acontece com o equilíbrio, onde a noticiabilidade de um evento é tanto maior quanto existirem notícias já elaboradas sobre esse mesmo tema, num curto espaço de tempo, por outro meio de comunicação. Apesar de a visualidade ser um valor-notícia com mais impacto no jornalismo televisivo, ela também pode operar no jornalismo escrito, em função dos elementos visuais oferecidos através de uma imagem ou fotografia. A concorrência também se traduz por ser um critério contextual, na medida em que qualquer órgão de comunicação não funciona sozinho, ou seja, tem de necessariamente ter em conta a concorrência:

Os jornalistas e as empresas jornalísticas procuram uma situação onde encontram o que a concorrência não tem uma situação em que têm a “catcha”,

ou a exclusividade. Assim, possuir uma “cacha” dá maior valor-notícia a esse assunto e, geralmente, as empresas jornalísticas fazem saber aos seus leitores ou ouvintes que a notícia é uma “cacha”. (Traquina, 2002, p.197)

Em associação com este valor-notícia temos o chamado *pack journalism*, que se traduz por ser o fenómeno que explica a forte tendência dos jornalistas de “andarem em grupos, numa matilha, seguindo-se uns aos outros” (Traquina, 2002, p.197), uma vez que todos querem obter uma “cacha”. Por último, mas não menos importante, está o dia noticioso, que diz respeito à desigualdade dos acontecimentos existentes ao longo de diversos dias. Cada dia, a nível jornalístico, pode ser considerado rico ou pobre em acontecimentos.

O outro conjunto de valores-notícia abordado por Wolf (1987) são os de construção e dizem respeito aos elementos que se encontram presentes nos acontecimentos e que são usados pelos jornalistas durante a construção das suas produções noticiosas (p. 206). Neste sentido, podemos considerar como valores-notícia a simplificação, pois quanto menos complexo for um evento mais fácil será a sua compreensão após ser transformado em notícia. A ampliação de um acontecimento quer a nível de proporção, das figuras envolvidas e das possíveis futuras consequências é também um valor, visto que se cumprir uma destas variáveis a sua notabilidade enquanto notícia será assegurada. O valor da relevância acaba por estar muito ligado à maneira como o próprio jornalista cria a notícia, ou seja, “compete aos jornalistas tornar o acontecimento relevante para as pessoas, demonstrar como ele tem significado para elas” (Traquina, 2002, p.199).

Para além destes valores-notícia temos também a personalização, que neste contexto é entendida como sendo a importância dada à pessoa ou pessoas envolvidas no acontecimento, e que apela ao interesse que os leitores têm por outras pessoas. A dramatização, que apela e reforça “o lado emocional” e “a natureza conflitual” de um acontecimento já transformado em notícia é uma das outras componentes. E por último como valor-notícia de construção temos a consonância, que se relaciona com o facto de a notícia levar o acontecimento a pertencer a uma “narrativa” já existente. “O que importa salientar é que os valores/notícia são avaliados nas suas relações recíprocas, em ligação uns com os outros, por “conjuntos” de fatores hierarquizados entre si e complementares, e não isoladamente ou individualmente” (Wolf, 1987, p.217).

É também necessário ressaltar que as normas editoriais dos órgãos de comunicação podem ter influência na forma como os jornalistas selecionam os acontecimentos, ou seja, a existência de espaços para temas já predispostos pela empresa jornalística leva a que a seleção feita seja mais fácil.

Sujeitos a estes processos de seleção estão os acontecimentos internacionais, que para serem selecionados e posteriormente divulgados têm de ser possuidores das propriedades indicadas para o efeito. Assim sendo, e à luz dos valores- notícia apresentados pelos autores Wolf e Traquina podemos considerar que os mais relevantes, isto é, os que mais peso adquirem quando nos estamos a referir a um acontecimento internacional são: a morte, a notoriedade, a novidade, a proximidade, a notabilidade, a ampliação e a relevância.

3. Os géneros do jornalismo internacional

3.1 Concetualização dos géneros jornalísticos

Diariamente, as informações chegam junto dos leitores nas mais variadas formas e formatos. À semelhança do que acontece com os valores-notícia, os géneros jornalísticos funcionam como uma espécie de modelos, com a diferença de não visarem a seleção dos acontecimentos, mas sim a sua interpretação.

Outra particularidade dos géneros jornalísticos é a falta de solidez no que diz respeito aos seus limites, dada a dificuldade encontrada na sua classificação. Isto acontece na medida em que uma peça pode adquirir várias designações. Neste sentido, e de forma a tornar as suas limitações mais claras, Lopes (2010) procedeu a uma divisão de géneros em duas principais categorias: os informativos, que visam a narração dos factos, e os opinativos, que se regem pela interpretação dos acontecimentos através de apreciações. A autora delimita como informativos a notícia, a breve, a reportagem, a entrevista e o inquérito e como opinativos o editorial, o artigo de opinião, de análise, o comentário e a crónica (pp.7-8).

No entanto, os inícios desta tentativa em delimitar os géneros jornalísticos em diferentes secções remontam ao século XVIII, quando um jornalista inglês e diretor de um jornal político, Samuel Buckley, quis proceder a uma divisória entre as notícias e os

comentários, por considerar “que as informações não deviam ser “contaminadas” pela opinião” (Lopes, 2010, p.9). O género informativo data assim do século XVII e o opinativo, do século XVIII. Para os autores Melo e Assis (2016) existem duas características que se revelam fundamentais quando nos referimos à palavra géneros no jornalismo, que são a capacidade que estas categorias têm de agrupar diferentes formatos com a mesma finalidade, e a função social que acarretam. Neste sentido, o género informativo apresenta uma função de vigilância social, ao passo que o opinativo revela ser um fórum de ideias (p.49).

Sendo o mundo do jornalismo tão vasto, podemos considerar como principais géneros jornalísticos os informativos, ou seja, a notícia, a entrevista e a reportagem. De acordo com Simões (2007) a notícia é considerada o género jornalístico mais comum de todos e é definida como sendo “um texto eminentemente informativo, relativamente curto, claro, direto, conciso” (p.24). Este género traduz-se por fornecer informações atuais. Já a entrevista, só deve ser considerada um género jornalístico quando fizer referência somente às perguntas e respostas ocorridas durante o momento da entrevista e não quando é usada como técnica de obtenção de informação. Geralmente, quando é usada para esse fim, as respostas do entrevistado são escrutinadas e não divulgados tal e qual como ocorreram. O autor Simões (2007) salienta ainda que, por norma, a entrevista assume este carácter de recolha de informação sempre que se faz acompanhar de outro género jornalístico, como é o caso da notícia (p.27).

A reportagem, ao contrário da notícia, é considerada o género mais nobre do jornalismo. Para além de informar através do rigor e da exatidão, tal como a profissão o obriga, a reportagem preocupa-se em fazê-lo, mas de uma forma diferente. Isto é, através da narração de uma história utilizando o maior número de pormenores possíveis, de forma a providenciar a quem está a ler ou a ouvir uma aproximação real ao acontecimento.

Os géneros jornalísticos não são apenas estes, existem muitos mais. Esta variedade deve-se em muitos aspetos à própria profissão, que apresenta a capacidade de criar novos géneros ou subgéneros e de regenerar e desenvolver os já existentes. Além do mais, o que acontece é que os próprios géneros vão sofrendo alterações perante os diferentes contextos históricos e culturais em que se encontram, isto é, “variam com as épocas, os tempos, “os gostos” e as “modas”” (Lopes, 2010, p.10).

No que diz respeito, em particular, ao jornalismo internacional, podemos não só considerar estes géneros jornalísticos como também outros. Marthoz (2018) enumera dez géneros que no seu entender predominam nesta vertente jornalística. O primeiro é o despacho ou mais conhecido como notícia de agência, que reúne toda a informação, sobre um acontecimento, de forma clara e precisa. Na maioria dos casos, este género noticioso é publicado tal e qual como chega à redação, ou seja, “é reproduzido, na maior parte das vezes, sem a menor modificação, nos mais diversos jornais que possuem entre si linhas editoriais e políticas diferentes” (p.112).

O factual é outro género do jornalismo internacional, redigido desde o início por um jornalista da redação, mas que se baseia na informação dada pelas agências noticiosas e outras fontes. A breve também está presente no internacional e o autor considera que é o género mais minucioso e rigoroso, visto que é através da sua escrita que podem ser reveladas a maior parte das linhas editoriais de uma redação.

A análise é o género usado quando se pretende explicar de forma clara a importância de um determinado acontecimento, referindo as suas origens e as consequências que poderá implicar no futuro. O comentário e o editorial também estão bastante presentes no jornalismo internacional, tal como acontece com os chamados “convidados” que, na sua generalidade, são especialistas sobre uma determinada questão internacional, e que se propõem a abordar. Por norma, este género aparece com maior frequência no jornalismo impresso, em secções próprias para o efeito, ou então ao lado de um artigo que aborde o mesmo tema.

Por último, mas não menos importante, temos a reportagem, que o autor considera ser o “coração do jornalismo internacional” (Marthoz, 2018, p.117), o *feature*, que pode ser uma ilustração que acompanhe um artigo ou que pode valer por si mesmo e aparecer sozinho, e o desenhado de imprensa, que consiste essencialmente numa caricatura.

3.2 Os géneros jornalísticos mais usados em televisão

“Os diferentes géneros jornalísticos são formas de enriquecer a comunicação, combatendo a monotonia formal e melhorando o ritmo de produtos televisivos” (Oliveira, 2007, p.9). Neste sentido, depreende-se que o mundo televisivo faça uso de diversas ferramentas, para transformar a informação em conteúdos apelativos e interessantes aos

olhos dos telespetadores. No entanto, cada conteúdo necessita de ser tratado segundo as diretrizes do produto jornalístico a que é destinado.

De acordo com Oliveira (2007) os principais géneros jornalísticos que podemos encontrar em televisão são a peça de telejornal, a reportagem de telejornal, o documentário ou a grande reportagem, a entrevista, o debate e a apresentação. Os dois primeiros géneros, tal como o próprio nome indica, ocorrem no decorrer do telejornal e caracterizam-se por serem ambas peças de curta duração, mas com divergências em termos de importância temática e de tratamento de informação. A peça de telejornal “é uma informação tratada em off⁶” (p.11) cuja temática não tem, necessariamente, de ter grande relevância, ao passo que a reportagem de telejornal já é “uma informação recolhida *in loco*⁷” (p.11) e o tema revela-se, por norma, de grande importância.

Por outro lado, o documentário e a grande reportagem já possuem uma duração mais longa e são, na sua maioria, anexados aos noticiários, quer isto dizer que podem ser emitidos após o jornal, porém, tal como os géneros anteriores, também diferem entre eles. “O Documentário distingue-se da Reportagem por, entre outras características, recuar no tempo e permitir uma visão mais enquadrada dos acontecimentos. A noção de perspetiva histórica é fundamental no Documentário, ao passo que na Reportagem prevalecem os critérios da atualidade” (Oliveira, 2007, p.11).

O mesmo acontece com a entrevista, o debate e a apresentação que podem ser visualizados no decorrer do noticiário, ou como anexos, com a particularidade destes três últimos géneros terem por base relações interpessoais. Isto é, a entrevista baseia-se na relação entre o entrevistador e o entrevistado, os debates entre o entrevistador e vários convidados e por vezes com o público, e a apresentação, entre o jornalista e a câmara de televisão, que, de uma forma indireta, acabam por ser os telespetadores.

A partilhar do mesmo ponto de vista estão os autores Simões e Fernandes (2007) ao considerarem também estes géneros jornalísticos como sendo aqueles que predominam no meio televisivo. Porém, com o pormenor destes autores assumirem uma divisão diferente, visto que classificam os géneros jornalísticos em televisão de acordo com quatro grandes modelos que são a reportagem, na qual englobam as peças emitidas

⁶ Designação utilizada na gíria jornalística para quando as imagens e o som que os telespetadores estão a ver e a ouvir são transmitidas em direto pelo jornalista.

⁷ O jornalista assume uma voz ativa na medida em que este no próprio local a recolher a informação.

nos jornais e a grande reportagem, a entrevista, os debates e por último a apresentação, onde inserem o pivot, o vivo de reportagem e o direto (pp. 31-32).

A entrevista televisiva é assim considerada por estes autores como sendo de dois tipos: a factual, cujo destaque é dado ao acontecimento, e a do tipo enfático, em que a relevância está no convidado. Gordillo (2009) realça o lugar de destaque e privilégio que este género televisivo alcança no mundo informativo e no da divulgação dos mais variados temas. Sem esquecer que a entrevista é conduzida por um moderador, ou seja, um jornalista que vai atribuindo a palavra ao seu entrevistado sob a forma de pergunta. O cumprimento dos timings estipulados pelo jornalista é decisivo, e dele depende o bom funcionamento da entrevista (p.72).

Apesar da familiaridade já existente em relação ao género comentário, este é por norma mais frequente em termos de jornalismo impresso. Contudo, a sua ascensão no seio televisivo tem sido notória ao longo dos anos. Cada vez mais, os comentadores têm demonstrado ter uma posição efetiva na televisão portuguesa, não só em programas específicos de opinião como também ao longo dos noticiários.

O motivo da presença assídua destes profissionais no seio televisivo deve-se aos propósitos que este meio de comunicação tem perante a sociedade, ou seja, “a missão de informar não é suficiente, a televisão tem também que ajudar a descodificar. Os media que chegam a um grande número de pessoas têm um papel importantíssimo na formação de opinião (individual e/ ou pública)” (Lopes & Santos, 2011, p.811).

Para além de informar, a televisão tem de ter a capacidade de oferecer aos seus telespetadores várias interpretações possíveis de um determinado acontecimento, sendo neste contexto que surgem os comentadores. Estes profissionais não só oferecem várias explicações e significados aos acontecimentos que ocorrem, como também os desconstroem de modo a procurar as suas causas e a antever possíveis consequências. O que cria junto dos telespetadores uma sensação de tranquilidade e de segurança, visto que os assuntos da atualidade que até então eram tidos como desconhecidos, tornam-se, graças aos comentadores, familiares aos telespetadores.

De acordo com as autoras Lopes e Santos (2011) os comentadores de televisão possuem um discurso duplo, no sentido em que tanto se dirigem aos telespetadores como, muitas das vezes, estão a participar num painel de discussão e controvérsia com diferentes indivíduos (p.815). Estas diversas facetas em que se podem encaixar os comentários

televisivos faz com que muitas das vezes este género possa ser camuflado por outro, como é o caso dos debates. Para o autor Gordillo (2009) os debates televisivos traduzem-se por ser um género de uma conversa entre várias pessoas, na qual, tal como nas entrevistas, há a presença de um moderador que organiza o diálogo atribuindo, de forma ordenada, a palavra aos intervenientes e dando-lhes um limite de tempo para falarem (p.69).

Considerada por muitos autores como “o mais poderoso meio de comunicação de massas” (Simões, 2007, p.9), a televisão concentra na sua essência o melhor de todos os meios, sendo a imagem o seu ponto forte. O seu funcionamento pauta-se atualmente pela dualização existente entre o serviço público e a privatização de certos canais. O autor Marthoz (2018) considera que a atualidade do jornalismo internacional é mais evidenciada em canais públicos do que em privados. Isto acontece na medida em que a televisão privada apresenta uma tendência em privilegiar as informações que se traduzem por ser mais imediatas e próximas em detrimento das restantes (p.100).

Parte III: Metodologia

1. Métodos e Técnicas de investigação

Os métodos e técnicas de investigação usados ao longo deste trabalho tiveram como principal objetivo perceber qual a importância relativa dada aos temas internacionais nos dois principais jornais da RTP1, isto é, no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal*, e o seu porquê. Além disso, importou perceber se as zonas onde se encontram os correspondentes da estação possuem uma influência direta no número de peças divulgadas, bem como o de compreender qual o género jornalístico que predomina na editoria do internacional. Do mesmo modo, interessou saber quais as temáticas mais abordadas nas peças internacionais e descobrir quais os países que maior presença têm.

Além do mais, face à situação atípica de pandemia em que o mundo se encontrava foi preciso incluir mais um objetivo de estudo à investigação. Isto é, revelou-se importante entender se o aparecimento da pandemia veio alterar de alguma forma o peso dos temas internacionais nestes noticiários e se essa mudança poderá, eventualmente, prevalecer no futuro.

Para estes objetivos, surgiu a necessidade de se colocarem hipóteses prévias do que se poderia ou não vir a verificar. Assim sendo, as hipóteses geradas foram: o número elevado de notícias relativas a um país justifica-se pela presença de um correspondente da RTP nesse território; a notícia e a reportagem são os géneros jornalísticos mais usados na editoria internacional; as tragédias e os conflitos são os temas mais retratados nas peças internacionais; o efeito de proximidade e a diáspora portuguesa são os fatores que ditam a cobertura de um país e, por fim, o que acontece em outro país tem repercussões em Portugal.

Neste sentido, recorreu-se a diversas ferramentas, de forma a dar resposta aos objetivos propostos. Deste modo, e tendo por base os objetos de estudo, isto é, o espaço que o internacional ocupa nos jornais da RTP1 (*Jornal da Tarde* e *Telejornal*) e as peças internacionais, o método de investigação usado foi a análise de conteúdo e as técnicas de investigação usadas foram a observação participante e os inquéritos por entrevista.

1.1. Análise de conteúdo

“O lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.227). A análise de conteúdo, que se traduz por ser um método de investigação não interferente, teve como objeto de análise as peças internacionais presentes no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal* da RTP1. O período temporal escolhido foi de 15 dias, ou seja, de 18 de maio de 2020 a 1 de junho de 2020.

De modo a sintetizar todos os parâmetros que deviam ser tidos em conta, aquando a análise, foi criada uma matriz⁸ na qual constam dois conjuntos de variáveis- as gerais e as relacionadas com o conteúdo. Tal como refere Correia (2009) esta metodologia leva a que haja uma contagem do número de vezes que um determinado objeto ou fenómeno ocorre acabando por o categorizar segundo diversos critérios previamente definidos. O que leva a que se torne um método bastante eficaz quando se tem uma grande quantidade de informação para analisar (p.65).

Assim sendo, os parâmetros que constam na primeira variável são: o número de peças transmitidas em cada jornal, a data, o jornal em que foram divulgadas (*Jornal da Tarde* ou *Telejornal*), a duração da peça (2 a 5 minutos; 5-15 minutos ou mais de 15 minutos), em que parte do alinhamento foram transmitidas (Abertura; No corpo do jornal antes do intervalo; No corpo do jornal depois do intervalo; Última hora ou no Fecho), o género jornalístico em que aparecem (Reportagem, Notícia e Entrevista) e as origens das peças (Correspondentes, Agência noticiosa, Enviados especiais e outras). A segunda variável já apresenta parâmetros mais específicos, como os temas das peças (Guerras/Conflitos; Epidemias; Catástrofes naturais/Acidentes; Desporto; Cultura; Política; Saúde; Economia; Covid-19; Ambiente; Tecnologia e Religião), a equivalência temática das peças com o jornal nacional, as zonas do mundo retratadas (Europa; EUA; América Latina; Médio Oriente; Ásia; África; Países de Língua Oficial Portuguesa; Rússia ou outros) e por último se existe continuidade das peças nos jornais dos dias seguintes.

É de salientar que, ao longo da análise, houve a necessidade de se proceder a um tratamento específico das peças internacionais, que apenas diziam respeito à Covid-19,

⁸ Anexo II Matriz da análise de conteúdo

fazendo uma comparação com a totalidade das peças internacionais analisadas. Nesta parte, todos os parâmetros acima descritos foram utilizados, à exceção da variável relacionada com o conteúdo que diz respeito ao tema da peça.

1.2 Observação participante

Numa investigação, a observação é entendida por Quivy e Campenhoudt (2008) como um instrumento com capacidades de recolha e produção da informação e que pode ser apresentado de diferentes formas (p.196).

A forma escolhida nesta investigação foi a observação participante, uma técnica que “é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (Correia, 2011, p.31).

Assim sendo, foi através da realização do estágio na secção online/multimédia da RTP que se tornou possível colocar em prática esta metodologia e observar as dinâmicas e as rotinas de uma redação noticiosa, bem como incorporá-la e experienciá-la através da elaboração de tarefas jornalísticas. Este envolvimento leva a que os autores Mónico et al. (2017) considerem que se trata de uma participação ativa, na medida em que o investigador procura replicar o que as pessoas, do meio em que está a observar, fazem, de forma a aprender mais sobre os seus comportamentos. No fundo, o investigador começa por observar e, quando adquire conhecimento da forma como os outros procedem, tenta também ele reproduzir esses comportamentos (p.728).

Esta técnica permite a quem a usa uma maior agilidade ao longo da investigação, no sentido em que quem

convive com determinado grupo, a ele é possibilitado poder corrigir os seus instrumentos de pesquisa, retirando questões irrelevantes e acrescentado outras mais importantes do ponto de vista dos interlocutores. Porque consegue compreender os aspetos significativos que vão aflorando aos poucos, e pode ir vinculando os factos com as suas representações e descobrir contradições. (Minayo & Costa, 2018, p.147)

No que diz diretamente, respeito à investigação, é de ressaltar que devido à pandemia da Covid.19 e do posterior Estado de Emergência, a duração do estágio foi encurtada para um mês e meio. Neste sentido, não foi possível presenciar as rotinas da editoria do internacional, uma parte fulcral nesta investigação. Contudo, e através de uma presença constante na editoria online, ao longo de um mês e meio, tornou-se possível observar o quotidiano entre os vários jornalistas da secção e as peças presentes tanto nas plataformas como nas redes sociais.

A observação participante levou a que se gerassem dúvidas e incertezas que era necessário esclarecer. Como tal, surgiu a necessidade de se proceder à elaboração de entrevistas. Algo que os autores garantem como necessário, tendo em conta que se torna “conveniente complementar esta metodologia de investigação com outras, no sentido de se apurar o entendimento da problemática em análise sob diversas perspetivas” (Mónico et al., 2017, p.731). Além disso, visto que não foi possível realizar o estágio na editoria pretendida, para a investigação, as entrevistas tiveram um papel fundamental na tentativa de fazer fase a essa lacuna.

1.3 Entrevistas

“Em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo.” (Quivy & Campenhout, 2008, p.195) É na linha de pensamento destes autores que as entrevistas demonstraram ser uma técnica importante nesta investigação. Os dados recolhidos na análise de conteúdo puderam ser confrontados nas entrevistas, ou seja, serviram de alavanca para as perguntas que foram feitas aos entrevistados. Tal como já foi referido anteriormente, esta técnica possibilitou também o esclarecimento de algumas dúvidas, surgidas durante a observação participante.

Assim sendo, foram usadas duas tipologias de entrevistas: as semi-diretivas e as diretivas. De acordo com Quivy e Campenhout (2008) nas semi-diretivas o investigador tem na sua posse um conjunto de perguntas que irão servir de guia a uma conversa aberta, mas sem deixar de receber as informações necessárias por parte dos entrevistados (p.192). Neste tipo de entrevista “a abordagem dos entrevistados é assegurada sobretudo aos investigadores menos experientes, para que tenham as suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade” (Minayo & Costa, 2018, p.143). Já nas diretivas também se segue um guião de perguntas, contudo este é mais estanque,

na medida em que as perguntas são expostas tal e qual como aparecem no guião, ou seja, a ordem das perguntas é inalterável.

Houve a necessidade de se optar por dois procedimentos distintos na realização desta técnica de investigação pois, devido à situação de pandemia em que se vivia, nenhuma entrevista foi feita de modo presencial. Neste sentido, as entrevistas semi-diretivas foram realizadas por chamada telefónica a dois jornalistas correspondentes da RTP, nomeadamente a Pedro Sá Guerra (correspondente no Rio de Janeiro) e a Daniela Santiago (correspondente em Madrid), cujo objetivo era o de verificar e aprofundar aspetos sobre a profissão. Por outro lado, as entrevistas diretivas foram feitas por e-mail a três jornalistas: ao correspondente em Moscovo, Evgueni Mouravitch, à editora do internacional, Márcia Rodrigues e ao editor da secção online/multimédia, Carlos Neves. Nestas últimas entrevistas o objetivo prendia-se com o controlar e verificar os dados obtidos na análise das peças internacionais dos dois principais jornais da RTP1.

A escolha destes jornalistas correspondentes relacionou-se com o facto de representarem um país, dentro de cada continente, onde há efetivamente a presença de um correspondente da RTP, à exceção de Moscovo, que, apesar de se situar em território europeu, é a capital de um país que se estende para o continente Asiático. A seleção dos editores foi feita tendo em conta a editoria relacionada com o tema da investigação, isto é, o jornalismo internacional, e a editoria onde se proporcionou o estágio.

Deste modo, considerou-se que estes cinco jornalistas constituir-se-iam como uma amostra suficiente para responder às diversas perguntas⁹ presentes ao longo dos quatro guiões distintos. O tratamento e a análise dos dados recolhidos serão feitos no próximo capítulo.

⁹ Anexo III - Entrevistas

Parte IV: Análise dos dados

1. Apresentação dos resultados

Graças à utilização conjunta das técnicas e dos métodos apresentados anteriormente, vários foram os resultados obtidos. Entre as principais conclusões estão: o baixo número de peças internacionais em ambos os noticiários, ou seja, tanto no *Jornal da Tarde* como no *Telejornal*.

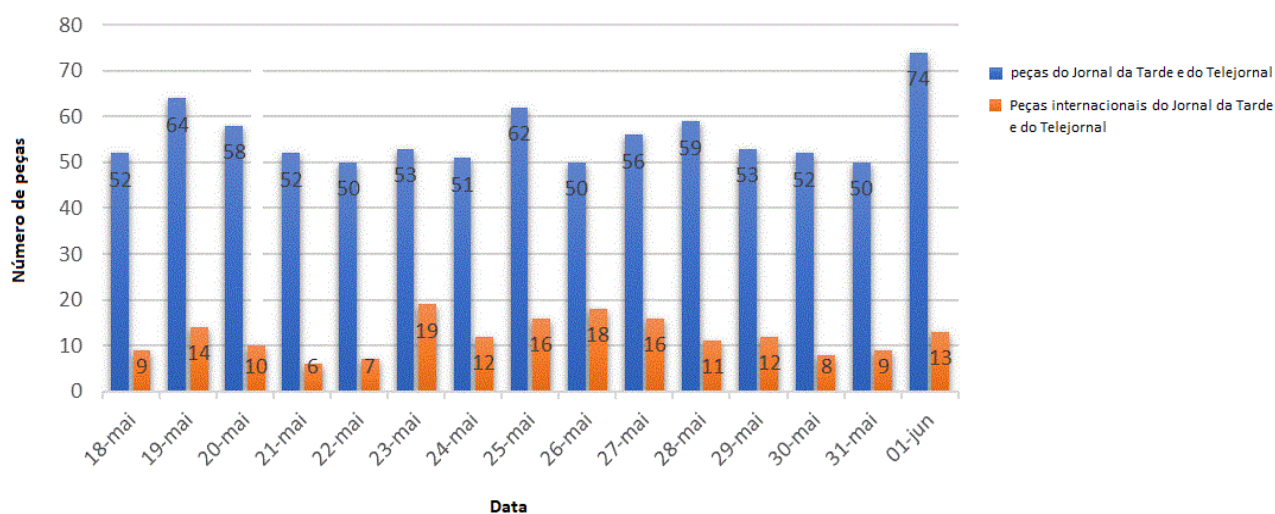


Gráfico nº 1- Número total de peças do *Jornal da Tarde* e do *Telejornal* agrupados por data com o número de peças internacionais presentes nesses mesmos jornais

O gráfico nº1 demonstra-nos isso. Em cada dia analisado (18 de maio 2020 a 1 de junho 2020), constatamos que o número de peças internacionais se encontra em menor número face às nacionais, no total de peças emitidas durante esses dias.

O predomínio do género notícia no *Jornal da Tarde* e da entrevista no *Telejornal* é outras das conclusões. Se procedermos ao cruzamento da variável género jornalístico com os dois principais jornais da estação, evidenciado pelo gráfico nº2, deparamo-nos com uma ausência do género entrevista no *Jornal da Tarde* e de um predomínio do género notícia, com 55,2%. Situação que se mostra completamente inversa no *Telejornal*, onde o género entrevista aparece na sua totalidade com 100% e a notícia apresenta-se como sendo o género menos usado ao longo do jornal, com apenas 44,8%.

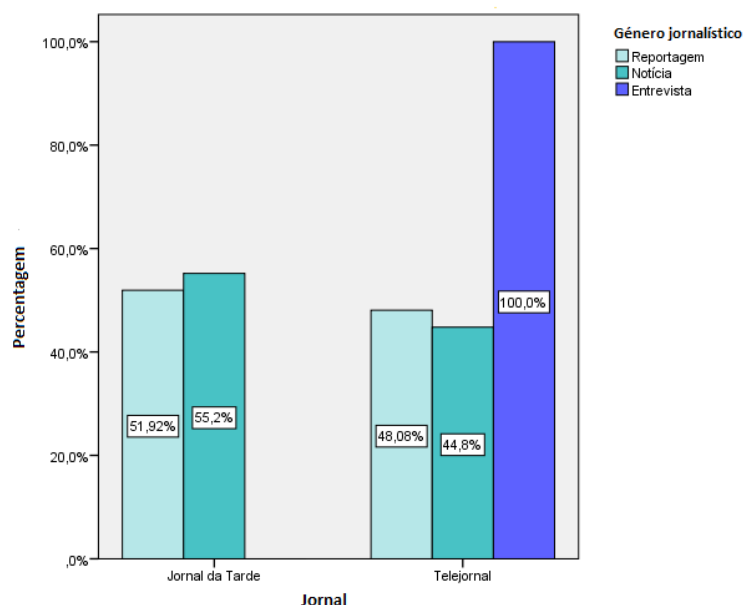


Gráfico n° 2- Gêneros jornalísticos das peças internacionais analisadas no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal* da RTP1

Ao visualizarmos o gráfico n°3, que diz respeito ao alinhamento das peças internacionais analisadas nos dois jornais, é de notar que 50% das mesmas são transmitidas no corpo do jornal depois do intervalo, seguindo-se com 42,78% das peças a serem emitidas no corpo do jornal antes do intervalo.

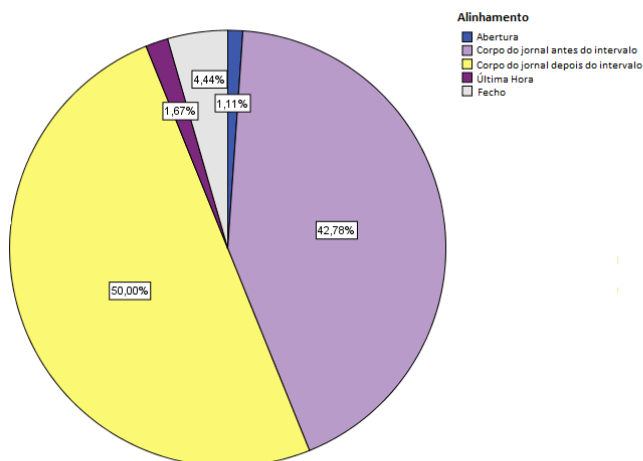


Gráfico n° 3- Alinhamento das peças internacionais analisadas nos dois principais jornais da RTP1

Dados que nos levam a afirmar que as peças internacionais apresentam uma tendência para aparecerem no decorrer do corpo do jornal depois do intervalo. Além disso, a frequência das peças internacionais na abertura e na última hora do alinhamento é bastante reduzida, não chegando em ambos os casos aos 2%.

Ainda no seguimento da variável alinhamento, mas desta vez através da interseção desta com as origens das peças, salientam-se aquelas cujas origens remetem para os enviados especiais, uma vez que aparecem ou na abertura dos jornais ou no corpo do jornal antes do intervalo.

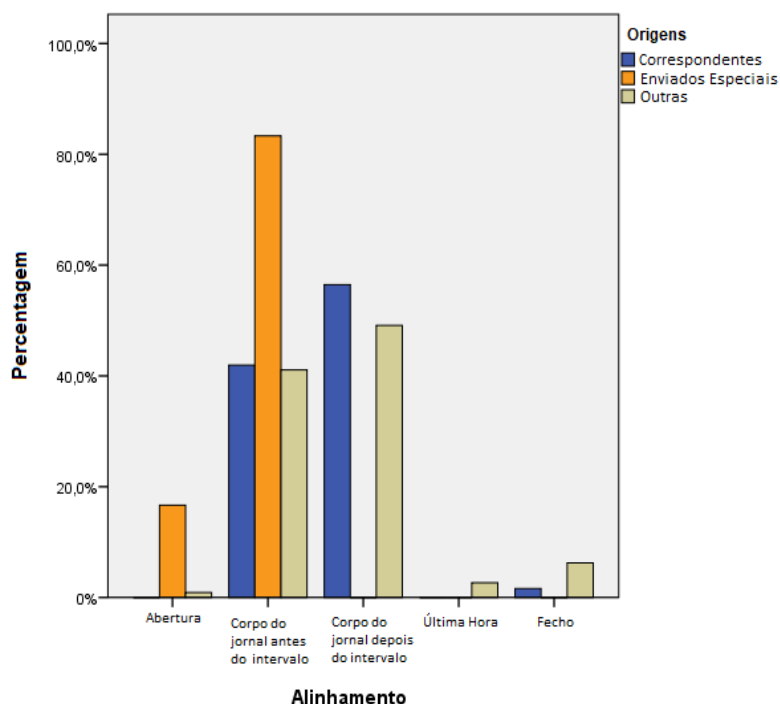


Gráfico n° 4- Tipos de origens nas peças com o alinhamento das mesmas nos dois principais jornais da RTP1

No gráfico n°4 constatamos que as peças que predominam na secção corpo do jornal depois do intervalo são na sua maioria elaboradas por jornalistas correspondentes, em cerca de 59%. Ao passo que as peças que se inserem na alínea, corpo do jornal antes do intervalo, são elaboradas por enviados especiais em cerca de 83%.

À dicotomia presente entre estas duas origens acrescenta-se também a diferença existente na duração das suas peças jornalísticas ao longo dos noticiários. Isto porque, se tivermos em atenção a informação fornecida pelo gráfico n° 5, rapidamente visualizamos que as peças cuja origem são os correspondentes apresentam uma duração menor face àquelas cuja origem são os enviados especiais. Os primeiros apresentam uma duração de 2 a 5 minutos em 34,68% das peças enquanto que as dos segundos têm uma duração de 5 a 15 minutos em 14,29%.

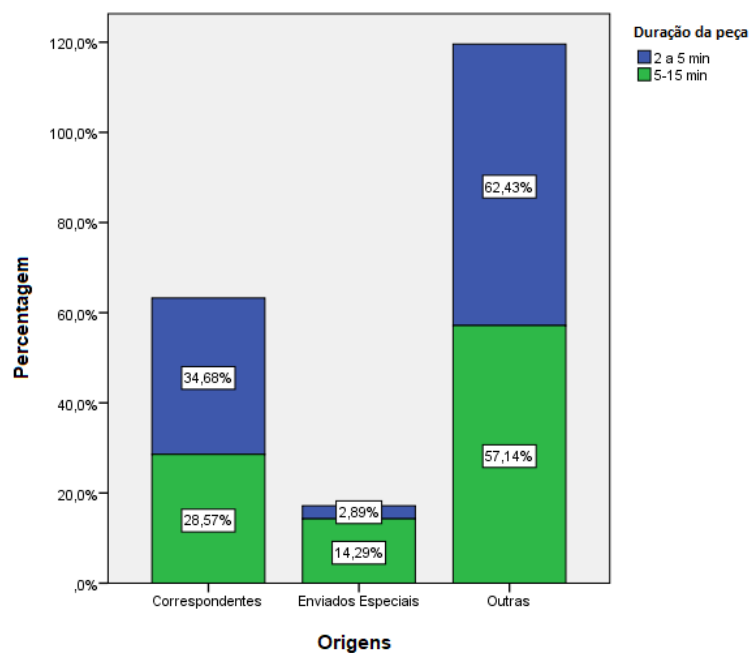


Gráfico nº 5- Duração das peças internacionais nos dois principais jornais da RTP1 juntamente com o tipo de origens usadas

No que diz respeito aos temas mais evidenciados nas peças internacionais temos: a Economia, a Economia associada à Covid-19, as Guerras/Conflitos e a Saúde, também ela ligada à Covid-19. O gráfico nº 6 ilustra-nos essa disposição.

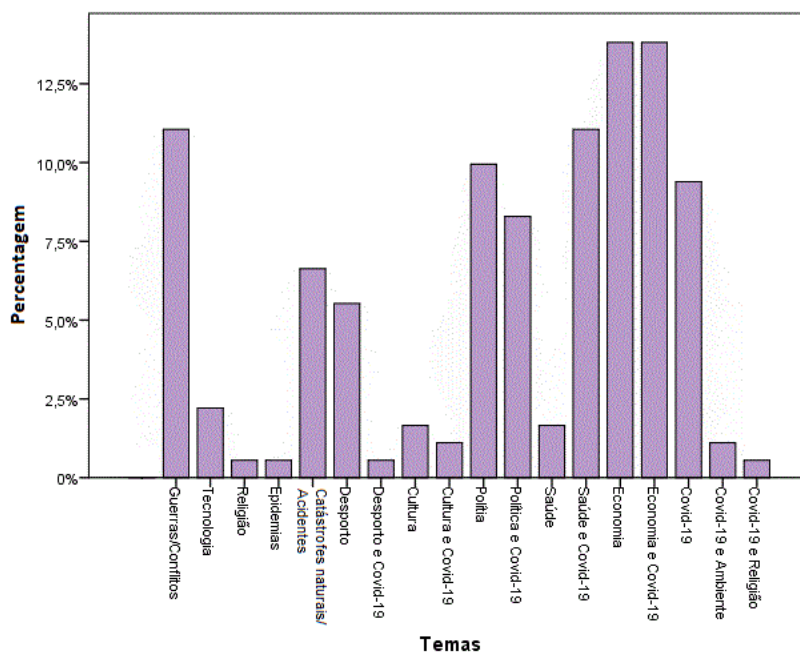


Gráfico nº 6- Temas presentes nas peças analisadas nos dois principais jornais da RTP1

Em termos de equivalência temática (gráfico nº 7) presente entre as peças internacionais e o jornal nacional, distinguem-se as peças cujo tema está relacionado com a Covid-19. Contudo, os temas como Guerras/Conflitos, Política e Economia também apresentam uma equivalência.

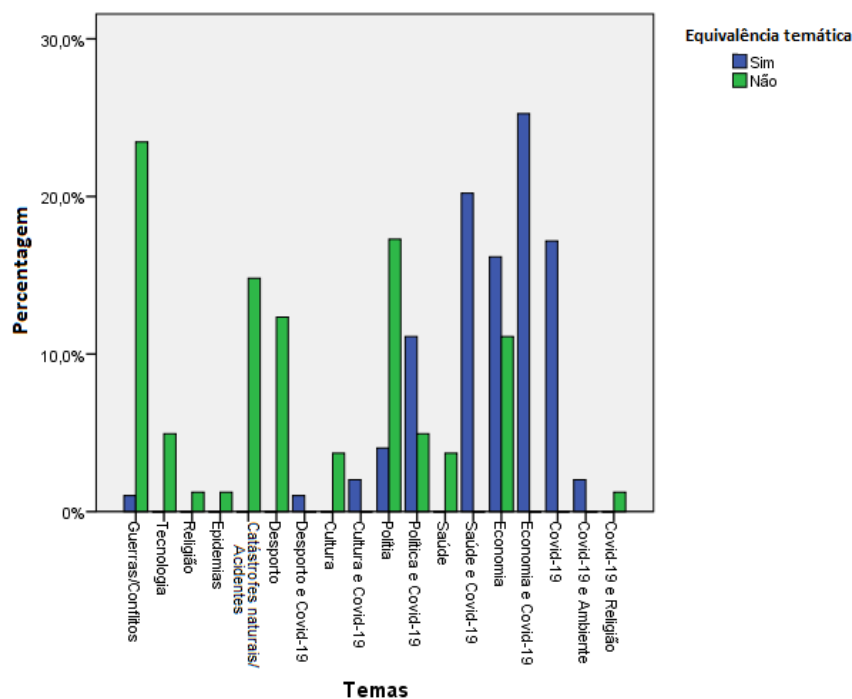


Gráfico nº 7- Equivalência temática entre os temas das peças internacionais e o jornal nacional

Outro ponto conclusivo são as zonas do mundo mais retratadas nas peças internacionais serem a Europa, os EUA, a América Latina e o Médio Oriente.

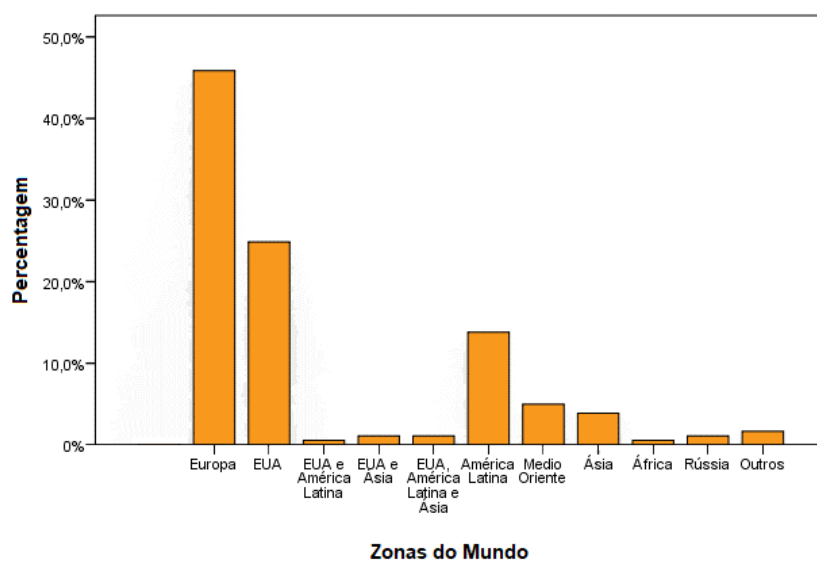


Gráfico nº 8- Zonas do mundo retratadas nas peças internacionais

Através do gráfico nº 8 observamos que as zonas mais destacadas se situam onde há efetivamente a presença de pelo menos um jornalista correspondente da estação, à exceção do Médio Oriente.

Neste sentido, importa perceber também a ligação existente entre as zonas do mundo retratadas e as origens da informação usadas na realização das peças. Para isso, o gráfico nº 9 clarifica-nos acerca desses aspetos. Através dele podemos ver que as peças internacionais que dizem respeito à Europa, aos EUA, à América Latina, à Rússia e ao conjunto de países (EUA, América Latina e Ásia) têm como origem principal os jornalistas correspondentes. À exceção dos EUA, onde há uma predominância da origem enviado especial em cerca de 70%. A Rússia também se destaca por ser a única zona do mundo a possuir, em 100% dos casos, peças com origem no correspondente.

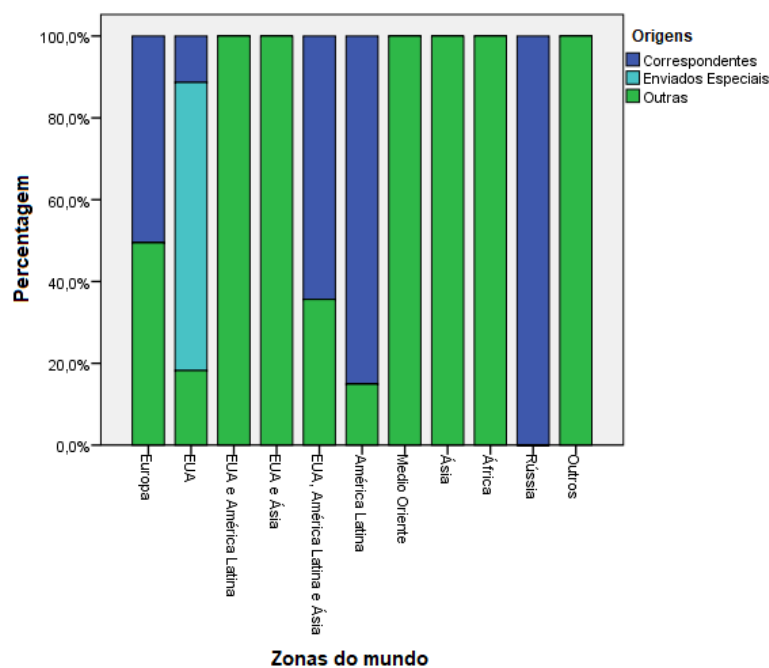


Gráfico nº 9- Tipos de origens presentes nas zonas do mundo retratadas nas peças internacionais

1.1. Peças internacionais restritas à Covid-19

Como já foi evidenciado, procedeu-se também a uma análise mais detalhada às peças internacionais que apenas diziam respeito à Covid-19. Desse objeto de pesquisa

resultaram as seguintes conclusões: quase metade das peças internacionais analisadas foram sobre a Covid-19 ou de um tema que lhe estava associado (gráfico nº 10).

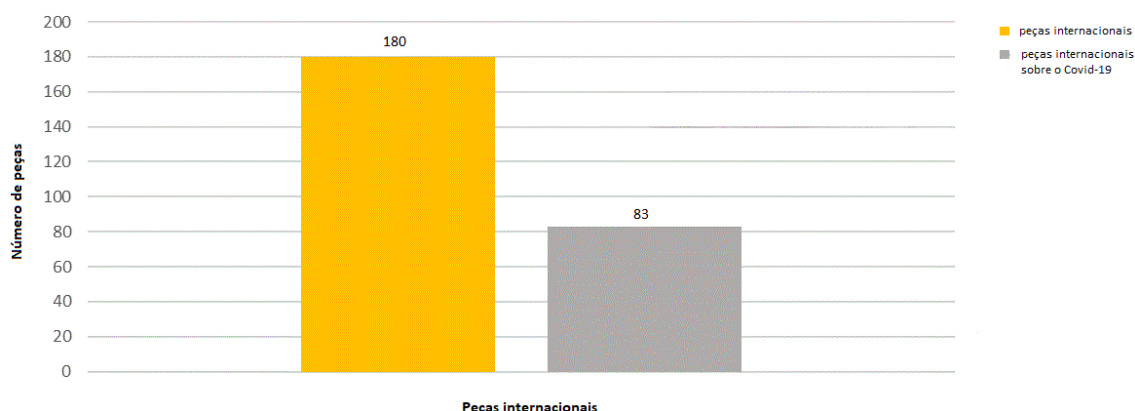


Gráfico nº 10- Número total de peças internacionais face ao número de peças internacionais que apenas dizem respeito à Covid-19

O género jornalístico predominante no *Jornal da Tarde* é a notícia, ao passo que no *Telejornal* é a entrevista (gráfico nº 11). À semelhança do que acontece no gráfico nº 2 há uma ausência do género entrevista no *Jornal da Tarde* e um predomínio do género notícia, com 64,81%. Algo que já não se verifica no *Telejornal*, visto que o género entrevista assume a sua totalidade com 100% e a notícia com apenas 35,19%.

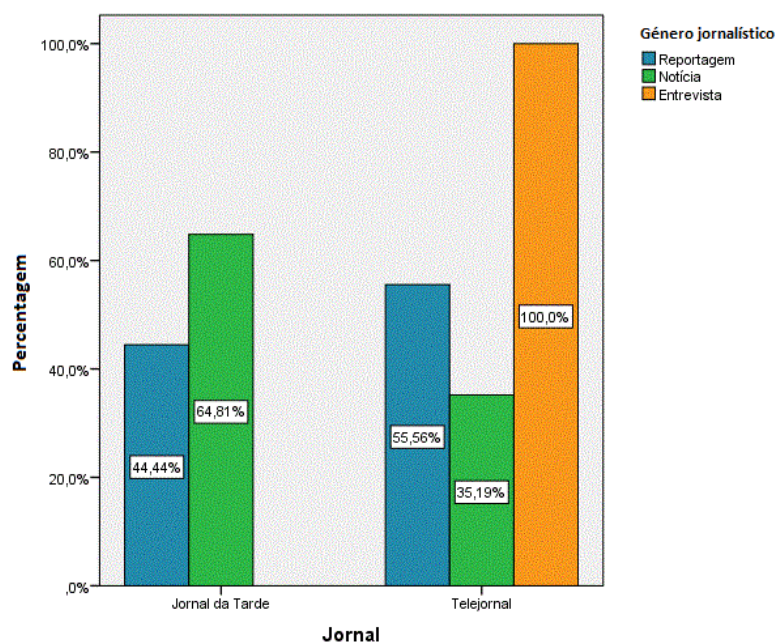


Gráfico nº 11- Géneros jornalísticos das peças internacionais sobre a Covid-19 analisadas no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal* da RTP1.

Outra conclusão é as peças cuja origem são os correspondentes aparecerem em todas as categorias do alinhamento, enquanto que a origem enviado especial é inexistente neste objeto de estudo.

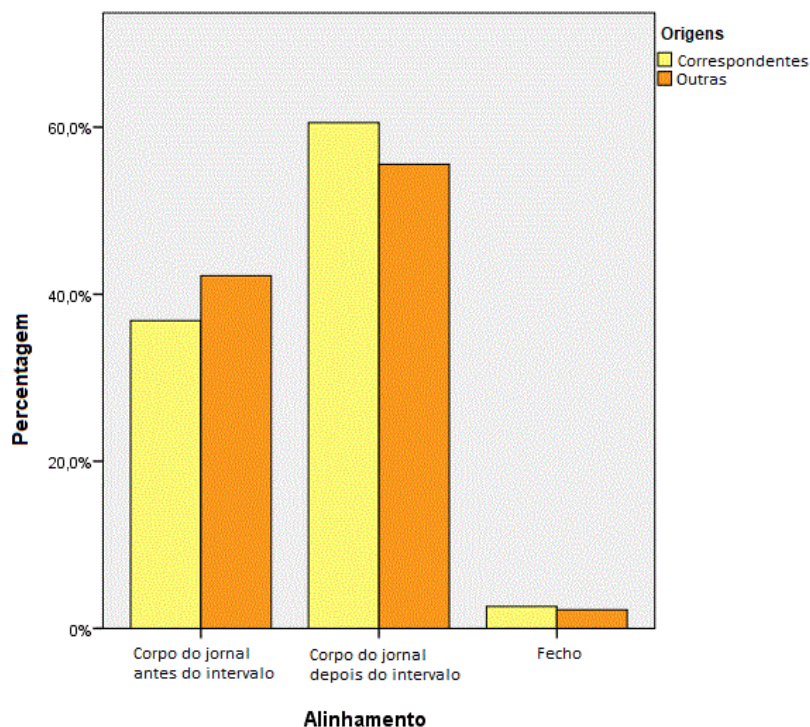


Gráfico nº 12- Tipos de origens presentes nas peças apenas sobre a Covid-19 com o alinhamento das mesmas nos dois principais jornais da RTP1.

Tal como indica o gráfico nº 12, as peças cuja origem são os jornalistas correspondentes aparecem com uma predominância no corpo do jornal depois do intervalo com cerca de 61% e no fecho com cerca de 3%. Em comparação com o gráfico nº 4, referente à totalidade de peças internacionais, verificamos que há uma ausência das variáveis: abertura e última hora no alinhamento.

Relativamente às zonas do mundo mais retratadas nas peças sobre a Covid-19 apurámos, através do gráfico nº 13, que são a Europa, a América Latina e os EUA. O que em confronto com o gráfico nº6 destaca a inexistência da Zona Medio Oriente.

As zonas com maior percentagem são regiões onde se verifica a presença de um jornalista correspondente da RTP, como podemos comprovar a partir do gráfico nº 14. Em paralelo com o gráfico nº 9, verifica-se uma maior incidência da origem correspondente nos EUA. Isto acontece na medida em que neste conjunto de dados a origem enviados especiais é inexistente, tal como já pudemos constatar anteriormente.

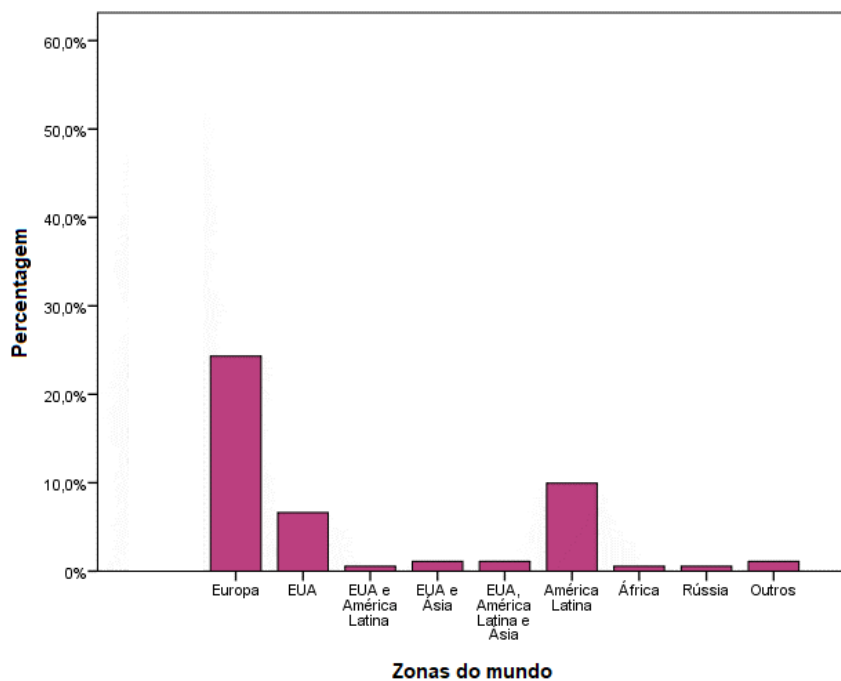


Gráfico n° 13- Zonas do mundo retratadas nas peças internacionais apenas sobre a covid-19.

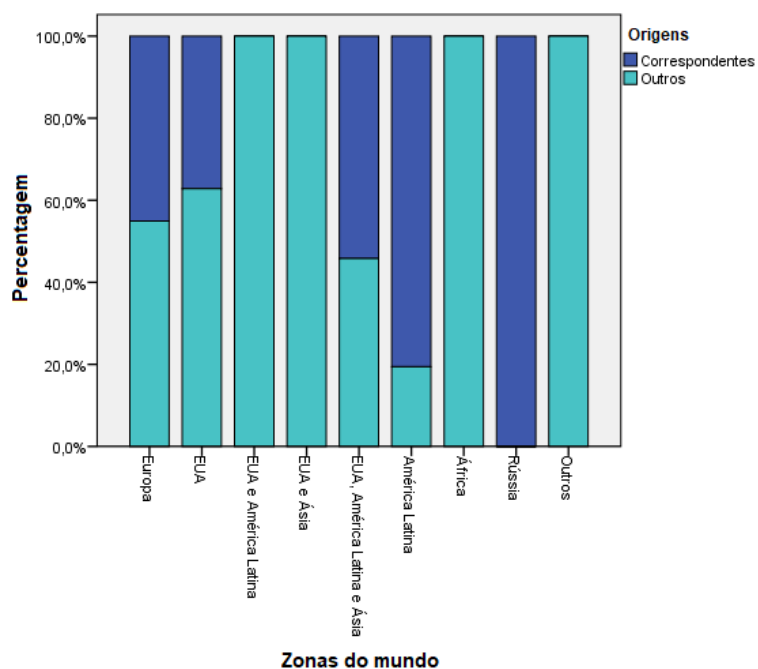


Gráfico n° 14- Tipo de origens presentes nas zonas do mundo mais retratadas nas peças internacionais sobre a Covid-19.

2. Interpretação dos resultados

De os temas internacionais não ocuparem grande destaque nos principais jornais da RTP1, isto é, no *Jornal da Tarde* e no *Telejornal*, já se tornou um facto evidente perante os dados recolhidos na investigação. Ainda assim, é necessário que se perceba e se interprete estes resultados de forma a se conseguir chegar a um panorama do modo como é apresentado o internacional nestes noticiários.

Apesar da decisão final do número de peças internacionais a serem transmitidas em cada jornal, ser da competência dos próprios editores, a editora do internacional pode sugerir, em reunião com a coordenação dos vários jornais e canais e da direção, quais as peças que poderão ser emitidas em cada jornal, como explica em entrevista a editora do internacional da RTP, Márcia Rodrigues.

Relativamente aos géneros jornalísticos, sabemos que o predominante no *Jornal da Tarde* é a notícia e no *Telejornal* a entrevista, com a particularidade de esta última ser inexistente no *Jornal da Tarde*. A reportagem, que é por muitos autores considerada o género mais nobre do jornalismo, é, segundo esta investigação, um dos géneros menos usados em ambos os jornais. Este fenómeno pode ser justificado por vários fatores. O facto de o género entrevista se sobrepôr à reportagem pode ter por base os tempos atuais de pandemia, em que a agenda mediática internacional se concentra, maioritariamente, em torno do tema da Covid-19. Sendo esse o motivo pelo qual o canal dê prioridade às entrevistas, muitas vezes feitas a especialistas sobre o tema, dada a credibilidade das informações que estes profissionais transmitem ao público.

Exemplo disso foi a entrevista realizada à Doutora Andrea Ammon, diretora do centro europeu de prevenção e controlo de doenças, no contexto da evolução pandémica na Europa, transmitida no dia 25 de maio de 2020 no *Telejornal*.

Contudo, a particularidade de o género entrevista apenas ser visível ao longo do *Telejornal* pode ter outro fator explicativo, nomeadamente, o de ser emitido em horário nobre e por isso as entrevistas estarem reservadas para essa hora de forma a conseguir assegurar uma maior audiência, e prestígio ao canal. Isto é, o facto de as entrevistas serem emitidas num horário em que a audiência é bastante elevada leva a que o público considere essas entrevistas como blocos informativos de extrema importância. O que acaba por dar uma maior notoriedade ao canal em que são transmitidas.

Em questões de alinhamento a tendência, como já vimos anteriormente, é as peças internacionais serem emitidas no corpo do jornal após o intervalo. A explicação pode estar no impacto que a peça internacional possui para Portugal, nesse dia, ou então a sua comparação relativamente a um tema nacional. A disposição pela qual as peças aparecem ao longo do alinhamento de um jornal tem por base uma hierarquia de importância: as peças de abertura ou do corpo do jornal antes do intervalo tendem a ter uma maior relevância do que as que são deixadas para depois do intervalo. Os jornais regem-se assim por uma ordem de importância decrescente. Além disso, o alinhamento de um noticiário nunca é definitivo, ou seja, é totalmente inconstante e pode sofrer alterações a qualquer momento, dada a efemeridade das peças, isto é, do seu valor notícia. Em entrevista, a editora Márcia Rodrigues reforça que o que define o alinhamento de um noticiário internacional é a relevância que essas peças possuem no dia em que são emitidas.

Porém, isso não significa que todas as peças internacionais do dia, em caso de os alinhamentos estarem cheios, tenham um lugar garantido nos noticiários principais. Quando tais situações ocorrem o que acontece é uma seleção, por parte da coordenação, das peças que apresentam um peso mais significativo, sem esquecer que “além dos tempos nobres, existem noticiários ao longo do dia em que as peças são rodadas” como refere o correspondente da RTP em Moscovo, Evgueni Mouravitch.

É no seguimento desta ideia que surgem algumas dúvidas, nomeadamente, sobre qual o critério que poderá estar na base dessa seleção e se essa escolha é influenciada por algum tema específico.

Questionada sobre os critérios considerados predominantes para uma peça internacional, a jornalista correspondente da RTP em Madrid, Daniela Santiago, afirma ser a atualidade que ocorre num país, cujo interesse consiga fazer com que “extravase as fronteiras”. No fundo, “a notícia que pelas suas características, pelo seu carácter de interesse público, interessam reportar para Portugal e nos principais serviços noticiosos”. Não discordante deste ponto de vista está o jornalista correspondente Evgueni Mouravitch, ao considerar que para além da atualidade, em consonância com a importância mundial, existem também outros dois critérios importantes de seleção, como sejam a relação que o tema possui com Portugal, bem como para a comunidade lusófona, e o interesse global que o tema suscita.

Além do mais, para o jornalista correspondente da RTP no Rio de Janeiro, Pedro Sá Guerra, é imperativo que um correspondente conseguia “distinguir o que tem interesse para Portugal e o que não tem”, ou seja, apesar de algum tema ser notícia, é necessário que haja uma visão interna e externa desse acontecimento em simultâneo.

A investigação revela-nos que dentro dos temas mais reportados, ao longo das peças, estes estão relacionados com a questão da Covid-19, como são, a título de exemplo, a Economia e a Saúde. Esta inclinação pode estar relacionada com os valores-notícia de ampliação e relevância, que surgem fortemente conotados ao tema da Covid-19, a nível internacional. Isto acontece na medida em que o público não só demonstra uma tendência em consumir e procurar mais notícias sobre o tema, como também já possui uma consciência maior de que o que se passa além-fronteiras tem, efetivamente, repercussões e relevância nas vidas de cada um, nomeadamente, em questões de economia e de saúde internacional.

É de destacar também a equivalência temática existente entre o noticiário nacional e o internacional, que se verificou de três formas: as peças cujo tema estava ligado ao assunto Covid-19 a nível nacional servirem de introdução a peças sobre o mesmo tópico numa vertente internacional; as peças internacionais servirem de explicação a uma peça nacional; ou, por último, haver uma equivalência de temas em ambas as peças, mas sem relação causal entre uma com a outra.

Exemplificando, no dia 23 de maio de 2020, no *Jornal da Tarde*, a peça sobre o boletim diário do número de casos em Portugal serviu de introdução à peça internacional sobre a crise pandémica na Europa. Da mesma forma que no dia 20 de maio de 2020, no *Telejornal*, a peça internacional sobre as recomendações de Bruxelas para a economia europeia antecedeu a peça nacional sobre a banca portuguesa começar a fazer reservas, de modo a preparar-se para a crise provocada pela pandemia. E no dia 1 de junho de 2020, também no decorrer do *Telejornal*, houve uma peça sobre o desconfinamento em Portugal e outra sobre o mesmo tema, mas a nível europeu.

Entre as origens mais usadas estão os jornalistas correspondentes e os enviados especiais, com uma tendência para estes últimos terem um lugar de destaque no decorrer da primeira parte do jornal. Querirá isto dizer que é dada mais relevância às peças internacionais produzidas por um enviado especial? Para que se consiga encontrar a

resposta a esta pergunta, importa ter presente a sua natureza e o que o pode diferenciar de um correspondente.

Em entrevista, o jornalista correspondente Pedro Sá Guerra explica a diferença entre estas duas origens de informação. Pois enquanto um enviado especial é um profissional que se desloca de forma pontual para outro país, de modo a realizar a cobertura de “um trabalho específico, da atualidade que está a acontecer na altura”, o trabalho de um correspondente já é diferente e “apontado para vários assuntos”.

Neste sentido, é provavelmente dada mais relevância às peças produzidas pelos enviados especiais, primeiro, por uma questão de exclusividade. Isto é, sendo os temas ou acontecimentos únicos e exclusivos de quem os divulga, e aos quais mais nenhum outro canal ou profissional lhes teve acesso, considera-se natural que lhe sejam dados mais destaque ao longo dos noticiários. Segundo, pela cobertura ser feita num curto espaço de tempo, com a agravante dos custos elevados que a deslocação destes profissionais acarreta para a sua redação. E terceiro, pela quantidade de tarefas e trabalhos que os enviados especiais produzem ao longo do dia, nomeadamente no que diz respeito aos diretos.

Hipóteses estas, que também podem servir de base à explicação de a duração das peças feitas pelos enviados especiais ser mais longa do que as peças elaboradas pelos correspondentes.

Contudo, é de salientar que um jornalista correspondente pode em alguns casos ser designado como enviado especial. O que acontece “sempre que sai da cidade base onde se encontra colocado, ou seja, a correspondente em Paris, pode ser enviada especial em Malta” como explica a editora Márcia Rodrigues. Ainda assim, o mesmo pode acontecer quando ocorrem deslocações dentro do próprio país, como é exemplo a peça emitida a 31 de maio de 2020, no *Jornal da Tarde*, onde o correspondente nos EUA, João Ricardo Vasconcelos, na sequência dos protestos gerados pela morte do afro-americano *George Floyd*, ao fazer a sua cobertura em Minneapolis foi considerado enviado especial, uma vez que a sua cidade base é Washington.

Das zonas do mundo com maior percentagem ao longo das peças internacionais evidenciam-se aquelas em que é comprovada a presença de um ou mais jornalistas correspondentes da RTP, na área. Situação que não deve ser vista com estranheza, uma vez que a estação possui uma vasta rede de correspondentes espalhada um pouco por todo

o mundo. Os únicos casos particulares, na medida em que podem suscitar algum tipo de curiosidade, são o Médio Oriente e a Rússia.

O Médio Oriente por se tratar de uma das zonas do mundo mais evidenciadas no conjunto das peças internacionais, mas, no entanto, ser a única onde não há a presença de um jornalista correspondente da estação. Os motivos que podem explicar esta ausência de correspondentes assentam em três pressupostos: o afastamento cultural, as despesas e a falta dos habituais valores-notícia nos temas oriundos desta área geográfica. Isto é, como o Médio Oriente apresenta traços culturais bastante divergentes dos nossos, enquanto sociedade ocidental, leva a que não haja um elo de ligação e aproximação com os temas que possam ser retratados nessa zona. O que, neste sentido, não justifica as despesas que a permanência de um correspondente acarreta para a sua redação, uma vez que valores-notícia como a proximidade geográfica e cultural, a ampliação, a nível de futuras consequências que um acontecimento possa ter para Portugal e a relevância para os leitores ficam em falta.

Contudo, o que é certo é que esta zona acaba por revelar uma contradição, pois se por um lado não se reúnem critérios que ditem a presença de um correspondente nessa área, por outro, a investigação demonstrou que foi, efetivamente, uma das zonas mais em foco, ao longo das peças analisadas. Isto acontece na medida em que se levantam outros valores-notícia, igualmente importantes, para o que deve ser ou não noticiado a nível internacional, como é o caso da notabilidade, presente nos acidentes e catástrofes, e da morte.

De modo a o exemplificar esta característica, temos a peça emitida no dia 22 de maio de 2020, no *Jornal da Tarde*, sobre a queda de um avião nas imediações do aeroporto de Karac, no Paquistão, e no dia 23 de maio de 2020, também no *Jornal da Tarde*, a peça sobre as 97 mortes que a queda do avião no Paquistão causou.

O outro caso curioso é o da Rússia, devido à particularidade de o jornalista correspondente, em oposição aos seus restantes colegas de trabalho, ser um correspondente local, de origem russa.

A sua abordagem dos temas é completamente diferente das que são feitas nas restantes zonas do mundo, na medida em que tudo é relatado pelo prisma de um cidadão local, e não de um português que se encontra nesse país. O próprio correspondente em Moscovo, Evgueni Mouravitch, salienta uma questão bastante importante nestas

circunstâncias: a ética. “Na temática política, quem tem mais razões e mais direito moral para ser severo nas críticas do regime local- um jornalista “autóctone” ou um estrangeiro? Quanto à minha experiência pessoal, posso dizer que evito, por exemplo, etiquetar o presidente Putin e o seu regime com ofensas frontais. Na minha opinião, não é isso que o telespetador quer ouvir de mim. Não fazem falta provas do carácter autoritário desse governo. O que interessa é procurar seguir a lógica dos governantes do país.”

A proximidade geográfica também apresenta um peso significativo nas zonas do mundo que são retratadas ao longo dos noticiários. Exemplo disso é a Europa ser das zonas que mais se destaca nas peças. A jornalista correspondente Daniela Santiago explica o porquê de Espanha possuir quase diariamente um lugar marcado no Jornal da Tarde e no Telejornal: “No caso de Espanha, há sempre uns olhos especiais em relação ao país porque é o único vizinho de Portugal. Muito do que se passa em Espanha tem repercussões no país vizinho (...)”.

Outro critério diz respeito às ligações estabelecidas com Portugal em consonância com a proximidade cultural, como é o caso do Brasil. As relações presentes entre estes dois países dita não só muitos dos temas que devem ser reportados, mas também o seu lugar no decorrer dos jornais.

Para além destes aspetos importa também compreender como se desenvolve o dia-a-dia de um jornalista correspondente e de que forma trabalha com o resto da redação. O contacto entre os correspondentes e a editoria do internacional é feito diariamente e, por norma, a escolha de temas a cobrir passa por um diálogo, entre ambos, de propostas e sugestões daquilo que irá ser noticiado. A cooperação existente entre todos leva a que os temas a cobrir sejam sempre assertivos e de interesse para os telespectadores. Além disso, tal como refere o correspondente Evgueni Mouravitch, “não devemos esquecer que uma estação como a RTP não existe num “vácuo”. O pano de fundo noticioso de cada dia é construído por outros media internacionais. Nesse enquadramento, é quase impossível errar, escolhendo uma notícia que não valha”.

Qualquer decisão final passa sempre pela editoria do internacional, porém há situações espontâneas em que não constam no planeamento estipulado e são realizadas na mesma pelos correspondentes, chegando de seguida ao conhecimento da editoria, como salienta o correspondente Pedro Sá Guerra. Outras vezes, “quando não há um assunto que pertença à agenda diária, ou estamos num período em que possa haver uma

calma aparente, eu procuro também reportagens que tenham interesse, por exemplo peças culturais. Depende do tempo que me sobra para além da atualidade” afirma a correspondente Daniela Santiago.

O facto de a própria editora do internacional da RTP ter sido enviada especial e correspondente leva a que haja um bom entendimento com estes profissionais, na medida em que tem conhecimento de como se executam estas funções. Para além do mais, “quem está no terreno é que sabe exatamente aquilo que se passa e isso é muito importante” assegura o correspondente Pedro Sá Guerra.

2.1 Interpretação dos resultados das peças internacionais restritas à Covid-19

A investigação dá-nos conta também que perto de metade das peças internacionais analisadas dizem indireta ou diretamente respeito à temática da Covid-19. Esta disposição demonstra a forma como a pandemia veio ocupar um lugar central no jornalismo e na agenda mediática internacional. Tal como salienta o jornalista correspondente Pedro Sá Guerra “tudo o que é notícia está praticamente concentrado num só tema embora haja vida para além da pandemia como nós todos sabemos.”

Neste contexto e à luz dos dados que podemos ver no subponto anterior, não é de estranhar o predomínio do género notícia no *Jornal da Tarde* e da entrevista no *Telejornal*. À semelhança do que acontece com o primeiro conjunto de dados, os tempos atuais de pandemia levam a que seja dada relevância a especialistas sobre o tema em horário nobre.

O que também não é de estranhar é a inexistência dos enviados especiais nas peças internacionais referentes à Covid-19 e uma subvalorização dos correspondentes. Isto porque, se tivermos presente a questão da exclusividade temática fornecida pelo trabalho de um enviado especial, ela já não acontece com tanta facilidade no que respeita à Covid-19, na medida em que a pandemia se tornou tema central não só em Portugal, mas em todo o jornalismo mundial. E por isso talvez não se justifique a deslocação de um enviado especial para fazer a cobertura desse mesmo tema, e os trabalhos dos correspondentes da estação serem suficientes a esse nível. Situação que é refletida na falta de peças a ocuparem a abertura e a última hora nos noticiários analisados.

Além do mais, a questão da segurança, posta em causa pelo vírus e aliada às limitações impostas à profissão por causa da pandemia, podem também ditar esta ausência de enviados especiais. A proibição imposta à entrada de cidadãos portugueses em alguns países, bem como o encerramento de fronteiras, são alguns exemplos de situações que levam a que o trabalho de um enviado especial não seja viável.

Ao contrário daquilo que acontece com o conjunto de dados referente às peças internacionais no seu todo, as zonas do mundo com maior incidência são apenas áreas geográficas onde se comprova a presença de jornalistas correspondentes, estando por isso a zona do Médio Oriente oculta. Algo que se deve não só à ausência destes profissionais, mas também à ausência de valores notícia como a notabilidade e a morte relacionados com conflitos e guerras, que apesar de serem recorrentes no noticiário desta área geográfica, quando nos restringimos à questão da Covid-19, não se aplicam.

Devido ao contexto de pandemia, as rotinas jornalísticas dos correspondentes tiveram de alterar-se, o que se constituiu num desafio para estes profissionais, que são um dos principais elos de ligação entre a informação internacional e os telespectadores da estação televisiva RTP.

As dificuldades presentes nos deslocamentos e os contactos com os entrevistados foram os principais transtornos apontados pelo jornalista correspondente Evgueni Mouravitch. Além disso, este considera o uso de máscara, durante uma entrevista, prejudicial, já que leva a que haja falta de empatia entre entrevistador e entrevistado. Já o correspondente Pedro Sá Guerra salienta a questão da segurança, em termos de proteção do vírus, e os dados que são fornecidos sobre a pandemia, com a agravante do aproveitamento político da mesma. O trabalho jornalístico, nomeadamente no que diz respeito às reportagens em termos de edição, tem de ser feito à distância com o repórter de imagem. O acesso aos locais é limitado e, sobretudo, a agenda mediática é alterada, como afirma a correspondente Daniela Santiago.

O facto de as repercussões da pandemia se estenderem pelo mundo inteiro, fez despertar a consciência dos telespetadores em relação aos noticiários internacionais. Deste modo, é certo que a Covid-19 trouxe consigo um aumento pela procura deste tipo de peças, dada a globalidade do tema. Porém, a dúvida que surge é se a pandemia terá contribuído para que no futuro as peças internacionais e os seus profissionais sejam mais valorizados.

Muitos são os fatores que apontam para uma resposta positiva, pois através dos dados recolhidos tivemos a oportunidade de constatar que a Covid-19 trouxe consigo mais espaço de transmissão para as peças internacionais ao longo dos noticiários e, tal como já foi exposto, o interesse demonstrado pelo público sobre as peças de carácter internacional é consideravelmente maior, não só devido à relevância que o tema impõe, mas também pela maior consciencialização dos efeitos que um acontecimento internacional apresenta na vida de cada um.

No entanto, discordantes deste ponto de vista estão os próprios jornalistas correspondentes da estação, ao considerarem que não sentem que a pandemia irá ter tanto impacto na valorização dos seus trabalhos. O jornalista correspondente Pedro Sá Guerra afirma mesmo que “não é a Covid-19 que vai dar mais notoriedade ao correspondente, é o trabalho ao longo do tempo.” Isto porque, para este profissional, o seu trabalho está diariamente a ser avaliado pelo telespetador. Por outro lado, Daniela Santiago não tem certezas, pois para ela na televisão tudo é muito efémero, segundo a sua experiência e, além disso, a passagem dos temas atuais para outros é feita com muita rapidez.

3. O internacional no digital

Ao longo do site da RTP notícias várias são as ofertas temáticas que os leitores têm à sua disposição. Desde o país, ao mundo, à política, à economia, à cultura, à covid-19 e ao desporto. No entanto, o peso que os assuntos internacionais ocupam é bastante notório e vê-se agora acrescido em contexto de pandemia.

Em entrevista, o editor da secção online/multimédia da RTP, Carlos Neves, afirma “diariamente, diria que nascem pelo menos oito a dez artigos de produção própria, excluindo os conteúdos em vídeo e áudio, relativos a temas internacionais de todo o tipo”. A somar a estes conteúdos estão também aqueles que são produzidos pelos próprios correspondentes da estação, que não só são destacados no site e na *app*, mas também são partilhados nas redes sociais, como é exemplo o *Facebook* e o *Twitter*.

Aquando da minha experiência, enquanto estagiária desta secção, não pude deixar de notar que elaborei mais notícias de carácter internacional do que nacional. Algo que é justificado, por um lado por se tratar de uma política usada na redação, no que diz respeito ao acompanhamento dos estagiários. Isto é, “por uma questão de operacionalidade e até

de segurança deixar para os redatores seniores da equipa os grandes temas nacionais ou internacionais da atualidade”. E aos estagiários temas de carácter mais intemporal, algo que se pode alterar à medida que vão desenvolvendo “maior solidez e agilidade nos textos que produzem”, como esclarece o editor Carlos Neves. Por outro lado, por ser uma preocupação cada vez mais constante da coordenação da equipa, em dar uma visão mais alargada do mundo aos seus leitores.

O critério que dita a seleção e aprovação de uma peça internacional é transversal ao meio e a todos os géneros de assuntos, isto é, todos os conteúdos que são publicados no site da RTP e, por acréscimo, na *app*, são temas atuais e com carácter de interesse público, tal como acontece em televisão.

O que já não parece ser tão idêntico é o espaço ocupado pelo internacional em televisão e no digital. E ao qual se somam outros dois aspetos importantes: o tipo de público que cada um destes meios alcança e a dependência deles relativamente às audiências. Primeiramente, e tal como refere o editor Carlos Neves, “há já uma geração inteira, pelo menos, que não vê televisão. De todo. E cuja principal fonte de permuta de informação são as redes sociais”. Isto demonstra a dicotomia presente entre os públicos de cada formato e o ritmo acelerado com que o mundo digital se expandiu, acabando por afetar as gerações mais novas, mas não só. Exemplo disso é o *Facebook* já ser considerado por muitos jovens como uma rede social “dos pais”.

Relativamente às audiências, é certo que estas alcançam uma grande importância em televisão, sendo que, contudo, o mesmo já não acontece no digital, mais propriamente nas plataformas digitais de informação da RTP. Não deixando, porém, os seus coordenadores de demonstrarem interesse nas componentes de auscultação de audiências em torno dos seus conteúdos, como é o caso das visualizações das suas publicações e da duração da permanência dos leitores ao longo das suas páginas.

Ao digital soma-se também a capacidade de conseguir oferecer aos seus leitores elementos que em televisão são neste momento impensáveis. Isto é, ele apresenta um espaço completamente ilimitado para qualquer peça jornalística, o que incluiu as internacionais, ao passo que em televisão essa área já é bastante restrita, uma vez que cada bloco informativo tem de seguir uma estrutura e um horário previamente definidos. Esta falta de limitações espaciais traz ao de cima uma das características presentes no jornalismo do mundo digital: a memória. O facto de o espaço, no digital, não ter fim, leva

a que todas as informações sejam armazenadas, dando aos leitores a possibilidade de acederem a um número infindável de notícias de uma maneira fácil e instantânea. Segundo Palacios (2014), o armazenamento de informações dá a possibilidade aos leitores de as recuperarem e de as associarem a outras, como forma de se contextualizarem perante a realidade mediática que lhes é apresentada (p.96).

Além do mais, enquanto que ao assistirmos ao *Jornal da Tarde* ou ao *Telejornal* somos obrigados a visualizar aquele conjunto de peças específicas, escolhidas antecipadamente por outra pessoa, o digital dá-nos a liberdade de consoante os nossos interesses e preferências visualizarmos apenas aquilo que desejamos e no tempo que gostaríamos. A possibilidade de escolha temática advém de mais uma das características proporcionadas pelo digital quando aplicado ao jornalismo, isto é, da personalização. De acordo com este princípio, o consumo de notícias por parte dos leitores é feito de forma seletiva, ou seja, cada um tem a oportunidade de filtrar apenas as notícias que gosta e que quer consumir.

O que, por sua vez, proporciona a formação de nichos cada vez mais característicos dentro da comunidade de leitores digitais, na medida em que, “quando o foco se coloca no mais interessante, o conteúdo volta-se para uma audiência específica, embora altamente interessada” (Lorenz, 2014, p.142). O que comprova que apesar de serem, tendencialmente, mais pequenos, no digital há efetivamente uma maior heterogeneidade de públicos, dado os inúmeros nichos presentes ao longo dos mais variados assuntos. É de ressaltar também a liberdade em termos de horários presente no acesso às informações, pois mesmo que o leitor não tenha tido a oportunidade de visualizar a notícia no momento em que foi emitida ou partilhada, no digital, ele pode fazê-lo sempre que achar oportuno, ou quando tiver a oportunidade, visto que as informações estão salvaguardadas.

Perante este cenário, há uma questão que se levanta: será este um indicador de que estamos perante o ponto de viragem para que, no futuro, o internacional seja exclusivamente digital? A resposta só o tempo o dirá, contudo, as gerações mais novas e posteriormente as futuras poderão contribuir para que esta venha a ser uma nova realidade para os noticiários internacionais. Não só pelo facto de essas gerações já só consumirem o que se encontra no digital, mas também pela possibilidade oferecida, neste meio, de as audiências serem completamente asseguradas, dada a existência de nichos, nomeadamente, em assuntos de cariz internacional.

Considerações Finais

A importância relativa dada aos assuntos internacionais no decorrer dos noticiários televisivos da RTP1 é, efetivamente, reduzida. Perante os valores-notícia presentes nas peças internacionais, os quais foram escrutinados na parte II deste relatório, era expectável que o seu peso fosse maior dado o renome, e a natureza do órgão de comunicação social em causa. A análise feita aos principais jornais da RTP1 (*Jornal da Tarde e Telejornal*) veio contrariar essa hipótese, uma vez que o número de peças internacionais não chega a completar 50% das peças totais emitidas em cada jornal. Este baixo número é ainda mais visível em contexto de pandemia, não por a covid-19 diminuir ainda mais a presença destes temas ao longo dos noticiários, bem pelo contrário, mas sim por demonstrar que sem as peças internacionais relativas à pandemia esse valor seria ainda mais baixo. Neste sentido, se tivermos presente o universo de 180 peças internacionais, ao retirarmos as que dizem respeito à Covid-19, esse valor cairia para 97 peças internacionais.

A análise elaborada aos jornais da RTP1 fez também transparecer uma contradição bastante relevante: face ao reconhecimento dado às peças produzidas pelos enviados especiais nos noticiários (frequentemente colocados em posições mais importantes do alinhamento), era esperado que o canal, mais uma vez, desse um peso maior aos temas internacionais, o que efetivamente não se verificou.

A pandemia não fez apenas transparecer aspetos negativos ao longo da investigação. Na medida em que, em matéria de trabalho dos jornalistas correspondentes, estes revelaram ser imprescindíveis na cobertura desta temática. A própria situação pandémica fez disparar junto da sociedade uma maior consciência, no que diz respeito, à importância dos noticiários internacionais para a perceção do que nos afeta e no modo como os acontecimentos ocorridos em qualquer outra parte do mundo podem ter repercussões, de forma direta ou indireta, na vida de todos nós. No fundo, assistiu-se a uma valorização dos temas internacionais.

O que, em consonância com a perceção obtida, através da realização do meu estágio e dos meus trabalhos, relativamente ao peso que o internacional ocupa no jornalismo online, leva-nos a repensar o lugar que estes assuntos possam vir a ocupar no futuro. Além do mais, as potencialidades que o meio digital traz ao jornalismo e aos seus públicos podem ditar que o futuro do internacional passe por assentar neste meio.

Referências Bibliográficas

Agnez, L. F. (2015, julho/dezembro). O jornalismo Internacional entre mudanças e permanências. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 12(2), 314- 328. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p314>

Borges, G. (2006). Televisão e cidadania: a participação da sociedade civil na 2: portuguesa. In *Comunicación local: da pesquisa á produción /VII Congresso internacional de comunicação lusófona (Lusocom)* (pp. 1-12). Universidad de Santiago de Compostela <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borges-gabriela-televisao-e-cidadania.pdf>

Canavilhas, J. (2010a). Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. In F. Ortega & L. Cardenosa (Eds.) *Nuevos Medios, Nueva Comunicación Libro de actas dell II Congreso Internacional Comunicación 3.0.* (pp. 1-12). Universidad Salamanca <http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>

Canavilhas, J. (2010b). *O novo ecossistema mediático*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Consultado a 28 de outubro de 2020 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>

Coelho, J. F. R. (2015). *Jornalistas correspondentes em Portugal. Um retrato socioeconómico dos jornalistas estrangeiros em Portugal*. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa). Repositório Científico da Universidade Nova de Lisboa. https://run.unl.pt/bitstream/10362/15978/2/Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio_JoanaCoelho.pdf

Colombo, F. (1998). As notícias internacionais e as notícias transnacionais. In F. Colombo (Ed.), *Conhecer o jornalismo hoje: como se faz a informação* (M.G. Segurado, Trad.). (pp.120-131). Presença.

Correia, J. C. (2011). O discurso das notícias. In J. Correia (Ed.), *O admirável mundo das notícias. Teorias e métodos* (pp. 43-77).

<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4344/1/O%20Admir%c3%a1vel%20Mundo%20das%20Not%c3%adcias%20%282011%29.pdf>

Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36. http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf

Gerodimos, R. (2013). Global news, Global challenges. In K. Fowler & S. Allan (Eds.), *Journalism: New Challenges*. (pp. 476- 498). <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1010.4231&rep=rep1&type=pdf#page=499>

Gordillo, I. (2009). El género informativo: formatos. In I. Gordillo (ed.), *La hipertelevisión: géneros y formatos*. (pp. 45- 97). <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/55168.pdf>

Laranjeiro, A. C. V. (2009). *Correspondentes estrangeiros em Portugal: o que faz a notícia*. (Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior). Biblioteca online Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2009-ana-laranjeiro.pdf>

Lopes, F. & Santos, H. (2011, dezembro, 15-17). *Os comentadores residentes da televisão portuguesa*. (Comunicação oral). VII Congresso SOPCOM- Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Universidade do Porto, Porto, Portugal. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/36627/1/FL_vii-sopcom.pdf

Lopes, P. (2010). *Géneros literários e géneros jornalísticos. Uma revisão teórica de conceitos*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Consultado a 20 de novembro de 2020 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lopes.pdf>

Lorenz, M. (2014). Personalização: Análise aos 6 graus. In J. Canavilhas (Org.), *Webjornalismo 7 características que marcam a diferença*. (pp. 137-158). https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf

Magalhães, A. D. S. (2011). *O peso da agência noticiosa no jornalismo diário: o caso da Lusa e do Público*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho). Repositório Científico da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19762/1/Andreia%20Daniela%20Da%20Silva%20Magalh%C3%A3es.pdf>

Marthoz, J. P. (2018). *Journalisme international* (3 ed.). De Boeck Supérieur.

Melo, J. & Assis, F. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom- RBCC*, 39(1), 39-56. <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>

Minayo, M. & Costa, A. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139-153. <file:///Users/melissaamaral/Downloads/6439-Texto%20do%20artigo-19398-1-10-20180827.pdf>

Mónico, L.S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In *Atas- Investigação qualitativa em Ciências Sociais: 6º Congresso Ibero-Americano* (V.3) (pp. 724- 733). CIAIQ <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447/1404>

Oliveira, J. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Cenjor. file:///Users/melissaamaral/Downloads/Manual_Jornalismo_Televisao.pdf

Palacios, M. (2014). Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In J. Canavilhas (Org.), *Webjornalismo 7 características que marcam a diferença*. (pp. 89-110). https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf

Praça, A. M. S. (2013). *As agências de notícias e a forma como influenciam o jornalismo online português*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto). Repositório Científico da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71929/2/28413.pdf>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ªed.). Gravida.

Rodrigues, A. L. (2008). O mundo dos correspondentes internacionais. In A. L. Rodrigues (Ed.), *Aos olhos do mundo. Portugal e os portugueses retratados por correspondentes estrangeiros*. (pp. 46-54). Livros Horizonte.

Rodrigues, A. L. (2008). As razões de ser ou não ser notícia. In A. L. Rodrigues (Ed.), *Aos olhos do mundo. Portugal e os portugueses retratados por correspondentes estrangeiros*. (pp. 181-195). Livros Horizonte.

Simões, J. (2007). *Manual de Jornalismo Impresso- O informativo*. Comunicamos.
<https://comunicamos.files.wordpress.com/2007/09/press-manual.pdf>

Simões, J. & Fernandes, N. (2007). *Manual de Jornalismo Televisivo- UTAD TV*. Comunicamos.
https://www.academia.edu/2442772/MANUAL_DE_JORNALISMO_TELEVISIVO

Sobral, F. (2012). Televisão em contexto português: uma abordagem histórica e prospetiva. *Millenium*, 42, 143-159. <https://www.ipv.pt/millenium/Millenium42/10.pdf>

Torres, E. C (2011). A televisão em Portugal. In E. C. Torres (Ed.), *A televisão e o serviço público*. (pp. 47- 72). Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Traquina, N. (2002). A cultura noticiosa. In N. Traquina (ed.), *O que é jornalismo*. (pp.171-204). Quimera.

Viana, B. C. & Lima, M. E. O. (2012). Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do jornalismo internacional. *Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da comunicação*, 6(12), 1-12.
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1606-1.pdf>

Williams, K. (2011) *International Journalism. Journalism studies: key texts*. Sage publications.

Wolf, M. (1987). Da sociologia dos emissores ao newsmaking. In M. Wolf (ed.), *Teorias da Comunicação*. Presença.

Anexos

Anexo I: Trabalhos realizados

Dia 5 de fevereiro:

“Resposta à Rússia. Estados Unidos criam nova arma nuclear para submarinos”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/resposta-a-russia-estados-unidos-criam-nova-arma-nuclear-para-submarinos_n1203004

Dia 6 de fevereiro:

“China diminui tarifas sobre mercadorias dos EUA para metade”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/china-diminui-tarifas-sobre-mercadorias-dos-eua-para-metade_n1203302

Dia 7 de fevereiro:

“Ataques em Moçambique obrigam à transferência de Três mil alunos”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ataques-em-mocambique-obrigam-a-transferencia-de-tres-mil-alunos_n1203604

Dia 10 de fevereiro:

“Plano orçamental de Trump conserva défice por dez anos”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/plano-orcamental-de-trump-conserva-defice-por-dez-anos_n1204215

“Grécia cria centros de detenção para migrantes”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/grecia-cria-centros-de-detencao-para-migrantes_n1204281

“Paris. Sede da *BlackRock* invadida por ativistas ambientais”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/paris-sede-da-blackrock-invadida-por-ativistas-ambientais_n1204303

Dia 11 de fevereiro

“Iémen. Ajuda humanitária à beira da rutura”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/iemen-ajuda-humanitaria-a-beira-da-rutura_n1204482

“Filipinas cancelam acordo militar com Estados Unidos”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/filipinas-cancelam-acordo-militar-com-estados-unidos_n1204526

Dia 13 de fevereiro

“Universitários de Aveiro criam sistema de iluminação para crianças marroquinas”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/universitarios-de-aveiro-criam-sistema-de-iluminacao-para-criancas-marroquinas_n1205002

“Descoberto o maior aqueduto romano da Península Ibérica”

https://www.rtp.pt/noticias/cultura/descoberto-o-maior-aqueduto-romano-da-peninsula-iberica_n1205031

Dia 14 de fevereiro

“Janeiro de 2020 considerado o mais quente da História”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/janeiro-de-2020-considerado-o-mais-quente-da-historia_n1205222

“Soldado dos EUA admite propaganda na net para fabrico de armas”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/soldado-dos-eua-admite-propaganda-na-net-para-fabrico-de-armas_n1205281

Dia 17 de fevereiro

“Caso Marega. As reações internacionais aos insultos racistas”

https://www.rtp.pt/noticias/pais/caso-marega-as-reacoes-internacionais-aos-insultos-racistas_n1205752

“Tecnologia de reconhecimento facial usada em protestos na Índia”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/tecnologia-de-reconhecimento-facial-usada-em-protestos-na-india_n1205817

“MV Alta. Navio fantasma encalha na costa irlandesa”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/mv-alta-navio-fantasma-encalha-na-costa-irlandesa_n1205846

Dia 18 de fevereiro

“Escuteiros dos EUA declaram falência devido a indenizações por abusos sexuais”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/escuteiros-dos-eua-declaram-falencia-devido-a-indemnizacoes-por-abusos-sexuais_n1206010

“Aterros dos Estados Unidos entupidos com plástico reciclado”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/aterros-dos-estados-unidos-entupidos-com-plastico-reciclado_n1206078

“Israel. Julgamento de Netanyahu tem início no próximo mês”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/israel-julgamento-de-netanyahu-tem-inicio-no-proximo-mes_n1206114

Dia 19 de fevereiro

“Pequim expulsa três jornalistas do Wall Street Journal”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/pequim-expulsa-tres-jornalistas-do-wall-street-journal_n1206301

“Google lucra com venda online de armas ilegais no Reino Unido”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/google-lucra-com-venda-online-de-armas-ilegais-no-reino-unido_n1206375

Dia 20 de fevereiro

“Estados Unidos perdoam Assange se ele negar envolvimento da Rússia em “pirataria”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/estados-unidos-perdoam-assange-se-ele-negar-envolvimento-da-russia-em-pirataria_n1206592

“Richard Grenell nomeado diretor de Inteligência Nacional norte-americana”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/richard-grenell-nomeado-diretor-de-inteligencia-nacional-norte-americana_n1206644

Dia 21 de fevereiro

“Pós-Brexit. Sistema de imigração pode levar à exploração de trabalhadores no Reino Unido”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/pos-brexit-sistema-de-imigracao-pode-levar-a-exploracao-de-trabalhadores-no-reino-unido_n1206849

Dia 24 de fevereiro

“Amazon criticada por reproduzir cenas do Holocausto na série Hunters”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amazon-criticada-por-reproduzir-cenas-do-holocausto-na-serie-hunters> n1207365

“Abertura de festival de música no Chile marcado por protestos”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/abertura-de-festival-de-musica-no-chile-marcado-por-protestos> n1207442

Dia 26 de fevereiro

“Alterações climáticas redesenham o ecossistema do Ártico”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/alteracoes-climaticas-redesenham-o-ecossistema-do-artico> n1207753

“Investigadores de Aveiro criam capa de volante que deteta fadiga de condutores”

<https://www.rtp.pt/noticias/pais/investigadores-de-aveiro-criam-capa-de-volante-que-deteta-fadiga-de-condutores> n1207801

“Presidenciais EUA. Bernie Sanders admite retirar Embaixada de Jerusalém”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/presidenciais-eua-bernie-sanders-admite-retirar-embaixada-de-jerusalem> n1207847

Dia 27 de fevereiro

“Segredos do lado oculto da Lua revelados por missão espacial chinesa”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/segredos-do-lado-oculto-da-lua-revelados-por-missao-espacial-chinesa> n1208022

“Alargamento do aeroporto de Londres considerado ilegal”

<https://www.rtp.pt/noticias/economia/alargamento-do-aeroporto-de-londres-considerado-ilegal> n1208081

Dia 28 de fevereiro

“Israel aprova nova expansão de colonatos que divide a Cisjordânia”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/israel-aprova-nova-expansao-de-colonatos-que-divide-a-cisjordania> n1208262

“Antidoping. Campeão olímpico de natação chinês banido por oito anos”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/antidoping-campeao-olimpico-de-natacao-chines-banido-por-oito-anos_n1208335

Dia 2 de março

“União Europeia ajuda cidadãos em risco a permanecerem no Reino Unido”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/uniao-europeia-ajuda-cidadaos-em-risco-a-permanecerem-no-reino-unido_n1208873

“Vaticano. Arquivos sobre Papa do tempo do Holocausto tornados públicos”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/vaticano-arquivos-sobre-papa-do-tempo-do-holocausto-tornados-publicos_n1208912

Dia 3 de março

“Novo coronavírus. “Estamos em território desconhecido”, admite OMS”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/novo-coronavirus-estamos-em-territorio-desconhecido-admite-oms_n1209120

“Australian Associated Press encerra e 180 pessoas ficam desempregadas”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/australian-associated-press-encerra-e-180-pessoas-ficam-desempregadas_n1209168

“Multinacional com ligações a massacre na Amazônia”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/multinacional-com-ligacoes-a-massacre-na-amazonia_n1209204

Dia 4 de março

“Desvendado enigma sobre diferenças nas esperanças de vida dos géneros”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/desvendado-enigma-sobre-diferencas-nas-esperancas-de-vida-dos-generos_n1209359

“Covid-19. Facebook divulga anúncios da OMS no combate à desinformação”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-facebook-divulga-anuncios-da-oms-no-combate-a-desinformacao_n1209426

“Coronavírus. Companhia aérea israelita quer despedir 1000 trabalhadores”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/coronavirus-companhia-aerea-israelita-quer-despedir-1000-trabalhadores_n1209471

Dia 5 de março

“Hospital das Forças Armadas. Tribunal de Contas denuncia anomalias na gestão”

https://www.rtp.pt/noticias/economia/hospital-das-forcas-armadas-tribunal-de-contas-denuncia-anomalias-na-gestao_n1209645

“Europa regista inverno mais quente das últimas décadas”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/europa-regista-inverno-mais-quente-das-ultimas-decadas_n1209703

“Israel. Netanyahu acusa Gantz de tentar roubar-lhe a vitória nas eleições”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/israel-netanyahu-acusa-gantz-de-tentar-roubar-lhe-a-vitoria-nas-eleicoes_n1209754

Dia 6 de março

“Brasil manda regressar diplomatas da Venezuela”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/brasil-manda-regressar-diplomatas-da-venezuela_n1209916

“Mais de um milhão de chilenas chamadas a marcha de protesto”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/mais-de-um-milhao-de-chilenas-chamadas-a-marcha-de-protesto_n1209977

“Coronavírus. Starbucks proíbe copos reutilizáveis para combater propagação”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/coronavirus-starbucks-proibe-copos-reutilizaveis-para-combater-propagacao_n1210021

Dia 9 de março

“Coronavírus. Plenário do Parlamento Europeu transferido de Estrasburgo para Bruxelas”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/coronavirus-plenario-do-parlamento-europeu-transferido-de-estrasburgo-para-bruxelas_n1210514

“Venezuela. Incêndio destrói milhares de urnas eletrônicas”

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/venezuela-incendio-destroi-milhares-de-urnas-eletronicas_n1210582

“Arábia Saudita. Detenções na realza reforçam poder de MbS”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/arabia-saudita-detencoes-na-realeza-reforcam-poder-de-mbs> n1210645

Dia 10 de março

“Covid-19. Trump garante alívio fiscal para moderar impacto”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-trump-garante-alivio-fiscal-para-moderar-impacto> n1210790

“Berlim recebe crianças de campos refugiados gregos”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/berlim-recebe-criancas-de-campos-refugiados-gregos> n1210897

“Covid-19. Diretor da Wells Fargo anuncia mudanças internas”

<https://www.rtp.pt/noticias/economia/covid-19-diretor-da-wells-fargo-anuncia-mudancas-internas> n1210932

Dia 11 de março

“Covid-19. Vítimas japonesas do tsunami de 2011 recordadas sem grandes cerimónias”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-vitimas-japonesas-do-tsunami-de-2011-recordadas-sem-grandes-cerimonias> n1211050

“Invernos amenos levam ursos a sair da hibernação mais cedo”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/invernos-amenos-levam-ursos-a-sair-da-hibernacao-mais-cedo> n1211161

“Covid-19. Associação Habita quer suspensão de despejos e requisição civil de hotéis”

<https://www.rtp.pt/noticias/pais/covid-19-associacao-habita-quer-suspensao-de-despejos-e-requisicao-civil-de-hotels> n1211212

Dia 12 de março

“Criador da net avisa que sistema é inseguro para as mulheres”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/criador-da-net-avisa-que-sistema-e-inseguro-para-as-mulheres> n1211407

“Covid-19. Prisões são o elo fraco na cadeia de contágio”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-prisoas-sao-o-elo-fraco-na-cadeia-do-contagio> n1211542

Dia 13 de março

“Milícias pró-Irão. EUA retaliam após ataque a base militar no Iraque”

<https://www.rtp.pt/noticias/mundo/milicias-pro-irao-eua-retaliam-apos-ataque-a-base-militar-no-iraque> n1211813

Anexo II: Matriz da análise de conteúdo

A) Variáveis Gerais		
A1) número de peças		(contínua)
A2) data	A2.1) dia	(continua)
	A2.2) mês	(continua)
A3) Jornal		1. Jornal da Tarde 2. Telejornal
A4) Duração do telejornal		1. 1 hora 2. 1h e 15 min 3. Mais de 1h e 15 min
A5) Duração da peça		1. 2 a 5 min 2. 5-15 min 3. Mais de 15 min
A6) Alinhamento		1. Abertura 2. Corpo do jornal antes do intervalo 3. Corpo do jornal depois do intervalo 4. Última hora 5. Fecho
A7) Género jornalístico		1. Reportagem 2. Notícia 3. Entrevista
A8) Origens das peças		1. Correspondentes 2. Agência noticiosa 3. Enviados especiais 4. Outras

B) Variáveis relacionadas com o conteúdo	
B1) Temas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Guerras/Conflitos 2. Epidemias 3. Catástrofes naturais/Acidentes 4. Desporto 5. Cultura 6. Política 7. Saúde 8. Economia 9. Covid-19 10. Ambiente 11. Tecnologia 12. Religião
B2) Equivalência temática com o jornal nacional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não
B3) Zonas do mundo retratadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Europa 2. EUA 3. América Latina 4. Médio Oriente 5. Ásia 6. África 7. Países de Língua Oficial Portuguesa 8. Rússia 9. Outros
B4) Continuidade das notícias	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim 2. Não

Anexo III: Entrevistas

Entrevista ao jornalista correspondente da RTP em Moscovo- Evgueni Mouravitch

1. Quais são os temas predominantes para uma peça internacional?

No caso da RTP, estação generalista, os eventos correntes da atualidade e de importância mundial, estão no foco das redações. Não raro, coincidem no tempo com notícias importantes para Portugal. Por exemplo: podem ocorrer no mesmo dia um lançamento de míssil balístico pela Coreia do Norte e, digamos, uma visita de ministro português a Moscovo, ou uma grande mostra de vinhos lusos. Sendo incomparáveis no mundo, ambas estas notícias são relevantes para noticiários portugueses. Quando os noticiários não são apertados, uma sai na parte da Economia, outra no bloco Internacional. Em caso de jornais cheios, a Coordenação é que escolha, conforme o peso da notícia. Além dos tempos nobres, existem noticiários ao longo do dia em que peças são rodadas.

2. As peças internacionais são sempre sobre notícias da atualidade ou existe outro critério de seleção? Se sim, qual?

Em relação à atualidade, já respondi no item acima. Existem também dois outros critérios importantes de seleção: a) relação do tema com Portugal ou cultura lusófona e b) o interesse geral do tema. Suponhamos que no mesmo dia são lançadas uma edição de Fernando Pessoa em russo e uma vacina contra a COVID. Em caso de noticiários apertados, é natural esperar que a Coordenação dê preferência à vacina. Mas isto não significa que a peça do F.Pessoa vá para a gaveta. Aparece noutros noticiários ou mesmo no dia a seguir. Quando se trata de peças intemporais, podem até esperar por um dia e hora melhor, a critério da Coordenação, desde que não sejam desatualizadas.

3. Quem é o responsável pela decisão da escolha dos temas a cobrir?

Temas pode propor o repórter, ou pode pedir a Redação. No meu caso de correspondente internacional, a decisão final é tomada pela Direção de Informação e pela Coordenação do respetivo noticiário ou programa.

4. Os temas que prepõe são bem aceites pelo editor? Porquê?

Trabalho para a os media portuguesas desde 1990. (Primeiro, para a Agência Lusa e depois para a RTP.) Tenho já algumas ideias sobre os interesses e as preferências dos editores e dos telespetadores em Portugal e nos países lusófonos. Isto permite-me escolher temas que possam ser de interesse público.

5. Encontra alguma dificuldade em convencer o editor sobre um tema que no seu entender deve ser abordado? Se sim, qual?

No meu caso, tenho tido a sorte de cooperar (significa, co-pensar) com redatores, editores e coordenadores altamente profissionais. Não recordo ter discrepâncias com algum deles sobre temas de reportagens. Peças que costumo propor, eles costumam aceitar, salvo raríssimos casos, quando os temas são de pouca relevância para o público português. Não devemos esquecer que uma estação como a RTP não existe num “vácuo”. O pano de fundo noticioso de cada dia é construído por outras media internacionais. Nesse enquadramento, é quase impossível errar, escolhendo uma notícia que não valha.

6. Na sua opinião, a seleção dos temas e a sua posterior abordagem diferem quando um correspondente é local? Em que medida?

A seleção dos temas de atualidade internacional, como já vimos, decorre do main stream global ou regional (Europa, EUA, África, etc.) A abordagem é a questão mais interessante na sua pergunta. Acho que difere no caso de um correspondente local. A minha ótica de russo na Rússia pode ser diferente da de um português em Moscovo. Surge uma questão ética: Na temática política, quem tem mais razões e mais direito moral para ser severo nas críticas do regime local – um jornalista “autóctone” ou um estrangeiro? Quanto à minha experiência pessoal, posso dizer que evito, por exemplo, etiquetar o presidente Putin e o seu regime com ofensas frontais. Na minha opinião, não é isso que o telespetador quer ouvir de mim. Não fazem falta provas do caráter autoritário desse governo. O que interessa, é procurar seguir a lógica dos governantes do país, o “modus pensandi” de uma pessoa que queria se tornar europeu, mas acabou num pensamento isolacionista. E também acompanhar as expectativas de uma nação com 146 milhões habitantes. Nisto, a

minha abordagem pode ser muito diferente da de meus brilhantes colegas. Já vi, há anos, um excelente estudo da Luísa Meireles sobre este tema.

7. O trabalho de um correspondente apresenta uma maior autonomia face à editoria internacional do que um enviado especial? A que nível?

Fui já várias vezes enviado para eventos especiais fora de Moscovo, fosse acompanhamento do futebol, revolução na Ucrânia ou guerra no Afeganistão. O trabalho de enviado é maior e mais tenso, uma vez que requer pelo menos dois ou até mais reportagens por dia. Justificam-se assim os custos acrescidos de sua missão. Falando em autonomia, eu não diria que haja maior nos casos de enviado ou de correspondente. Ambos têm de coordenar com a Redação as deslocações, as reportagens e os diretos.

8. Em que medida a pandemia Covid-19 veio influenciar o seu trabalho enquanto correspondente?

A Covid veio dificultar as deslocações e os contatos com entrevistados. Acho a máscara prejudicial para uma entrevista, já que impede a empatia indispensável nesse caso. Ainda menos aceito um entrevistado mascarado: já por si uma “cabeça a falar” não é grande coisa para uma televisão, ainda por cima com a cara tapada.

9. Considera que com a necessidade de o público saber em que situação se encontra o mundo devido à Covid-19, que no futuro o seu trabalho poderá ser mais valorizado? Porquê?

Num mundo de aceleração total de informação, os jornalistas perdem o monopólio ao *news-making* e ao tratamento das notícias. A Covid-19 é ainda um enigma e, ao mesmo tempo, o *trigger* para milhares de comentários mais nefastos na internet. Peritos “de sofá” expõem em abundância versões catastróficas da pandemia e teorias de conspiração. A meu ver, isto até é bom. Os que tinham o hábito de refletir, não o perderão. Aquela parte de público que se habituou ao “*fast-food*” informativo e a opiniões “prontas a vestir”, será forçada a escolher e a raciocinar. Já vi pessoas que sofreram ataques do pânico durante a primeira vaga da Covid-19 e acabaram por acalmar-se e a praticar atitudes ponderadas: tomar providências sanitárias indispensáveis e, no resto, aceitar a situação de um mundo

com novo desafio, que já não será o que era. O jornalismo profissional convencional (jornais de papel, rádio e tv) está hoje em pé de igualdade com os blogues, reportagens de telemóveis e *tweets*. A covid-19 apenas agrava esta concorrência. Por regra da dialética, assumo a probabilidade muito elevada de que o novo não demore muito em substituir o velho.

Entrevista ao jornalista correspondente no Rio de Janeiro- Pedro Sá Guerra

1. Quais são os temas predominantes para uma peça internacional?

Isso normalmente depende da atualidade do país onde eu estou, nomeadamente, aqui no Brasil. Obviamente todos nós vemos que agora tudo é diferente desde que começou a pandemia, tudo se alterou. Tudo o que é notícia está praticamente concentrado num só tema. embora haja vida para além da pandemia como nós todos sabemos. Aqui, no Brasil o que não falta são notícias para um correspondente internacional. A notícia baseia-se também na política do país, com o polémico presidente que como todos sabemos tem aquelas declarações que têm efeito fora daqui. Não só em Portugal, mas em outros países. Obviamente que estando no Brasil, que é um país que tem como todos sabemos, ligação a Portugal há aqui muitos temas importantes, nomeadamente, também na área cultural. Agora está parado, mas há muitas iniciativas ligadas à literatura, a história e ao cinema, tudo sobre relações entre Portugal-Brasil.

2. As peças internacionais são sempre sobre notícias da atualidade ou existe outro critério de seleção? Se sim, qual?

Não, porque repare numa coisa nos primeiros meses que estive aqui fiz muitas reportagens sobre a violência da polícia que aumento sobre as favelas, a tentativa da polícia em acabar com o narcotráfico, sobre o carnaval, sobre a comunidade portuguesa aqui, exposições de artistas portugueses que vem ao Brasil, é diversificado. Obviamente quando entramos no campo da política e no campo do que acontece aqui no Brasil há notícia para tudo, mas eu tenho cuidado porque há muitas notícias que são para o mercado interno, ou seja, são de aqui para dentro e não interessam a Portugal. Há sempre trabalho, agora nós temos de distinguir o que tem interesse para Portugal e o que não tem.

3. Quem é o responsável pela decisão da escolha dos temas a cobrir?

Obviamente tudo passa pela editoria do internacional, só que nos o que fazemos é um planeamento semanal. Eu faço as minhas propostas, as propostas são enviadas para a editoria do internacional para a chefe, a Márcia Rodrigues, depois ela também pode, eventualmente, propor alguns temas. Estamos sempre disponíveis para receber ideias, mas os trabalhos são sempre propostos por mim. Há situações do momento que não estão no planeamento e eu faço, mando e dou conhecimento à editoria.

4. Os temas que propõe são bem aceites pelo editor? Porquê?

Sim, nós temos uma autonomia completa em relação a isso. Normalmente, tudo o que ela propôs até hoje fez-se e entrou, se não entrou no Telejornal entrou noutros noticiários da RTP.

5. Encontra alguma dificuldade em convencer o editor sobre um tema que no seu entender deve ser abordado? Se sim, qual?

Não, porque há uma coisa que é verdade. Quem está no terreno é que sabe exatamente aquilo que se passa e isso é muito importante. E normalmente o editor do internacional, neste caso a Márcia Rodrigues, é uma pessoa que foi durante muitos anos correspondente sabe muito bem o que é ser correspondente. Obviamente que não há qualquer condicionamento. Pelo menos eu nunca tive esse problema, tudo aquilo que propôs até hoje foi feito e colocado no ar.

6. O trabalho de um correspondente apresenta uma maior autonomia face à editoria internacional do que um enviado especial? A que nível?

É diferente. Um enviado especial normalmente vai uma semana, no máximo dez dias. E o que o enviado especial faz é um trabalho diferente do correspondente, porque um enviado especial vai para fazer um trabalho específico, da atualidade que está a acontecer nessa altura. Por exemplo, eu fui à Venezuela com um objetivo de fazer reportagem sobre a situação política em que o país estava, com os confrontos de rua, com a situação de

pobreza extrema em que o país atravessa e como estavam os portugueses, ou seja, o trabalho está apontado para ali. Enquanto que para um correspondente o trabalho é apontado para vários assuntos, é diferente. O enviado especial, normalmente, faz mais diretos do que reportagem. O correspondente também faz diretos, mas não faz com tanta frequência como faz um enviado especial. Nós quando vamos em enviados especiais, falamos diretamente com os coordenadores e pivôs e combinamos já tudo, porque o tempo é curto quando somos enviados especiais, muitas vezes não dá para fazer muita coisa.

7. Em que medida a pandemia da Covid-19 veio influenciar o seu trabalho enquanto correspondente?

Em muitas, sobretudo e logo à partida pela questão da segurança. Eu estou num país em que são seis mil e que tem uma cultura muito diferente da nossa. Por exemplo, hoje aqui no Brasil é como se já nada se passasse, ou seja, as lojas já estão abertas, as praias cheias e há pessoas que já não usam máscaras. Depois, os dados que aqui são fornecidos e o aproveitamento político desta pandemia.

8. Considera que com a necessidade de o público saber em que situação se encontra o mundo devido à Covid-19, que no futuro o seu trabalho poderá ser mais valorizado? Porquê?

Eu acho que não, quer dizer porque repare numa coisa o nosso trabalho é avaliado todos os dias. Eu acho que o correspondente é um jornalista que está em permanente avaliação pelo telespectador. Obviamente que chama mais a atenção quando há situações como esta da Covid-19 ou quando há por exemplo atentados terroristas. Numa situação de um minuto, na hora ou segundo o direto que um correspondente faz é avaliado naquela altura, ou seja, nós estamos em, permanentemente, avaliação do telespectador. Não é a Covid-19 que vai dar maior notoriedade ao correspondente é o trabalho ao longo do tempo. Um correspondente trabalha vários temas e é o conjunto do trabalho todo que um correspondente faz é que é avaliado, porque um correspondente pode saber fazer bem um tema sobre política, mas não saber fazer bem sobre futebol, mas tem de fazer.

Entrevista à jornalista correspondente em Madrid- Daniela Santiago

1. Quais são os temas predominantes para uma peça internacional?

É a atualidade, o que marca a atualidade nesse país com interesse que extravase as fronteiras do país. Não estaríamos a falar de uma trica de política interna ou de um acidente num município que se acontecesse o mesmo em Portugal não seria notícia em Espanha, mas sim de notícias que pelas suas características de notícia, pelo seu carácter de interesse público interessam reportar para Portugal e nos principais serviços noticiosos. Tal como em Portugal é o valor notícia, a atualidade do país. No caso de Espanha há sempre uns olhos especiais em relação ao país porque é o único vizinho de Portugal. Muito do que se passa em Espanha tem repercussão no país vizinho e por isso mesmo a Espanha tem quase todos os dias o espaço marcado no Telejornal e no Jornal da Tarde.

2. As peças internacionais são sempre sobre notícias da atualidade ou existe outro critério de seleção? Se sim, qual?

A notícia, a atualidade, o valor- notícia, a relação que pode ser estabilidade ou as consequências que podem ser estabelecidas do que está a acontecer em Espanha e em Portugal, mas isso não é obrigatório que aconteça. A história pode valer por si só sem influenciar Portugal e não ter qualquer português envolvido. Portanto é o valor- notícia daquilo que vamos reportar.

3. Quem é o responsável pela decisão da escolha dos temas a cobrir?

Sou eu que todos os dias defino o meu trabalho. O trabalho de um correspondente é quase como o trabalho de um freelancer. Eu estou absolutamente sozinha com um repórter de imagem espanhol e eu que sigo a atualidade diária em Espanha, todos os dias preponho aquilo que vou fazer. Eu própria tenho as minhas fontes, eu própria procuro histórias, ou seja, quando não há um assunto que pertença à agenda diária ou estamos num período em que possa haver uma calma, aparente, eu procuro também reportagens que tenham

interesse, às vezes, por exemplo, peças culturais. Depende do tempo que me sobra para além da atualidade. O correspondente salvo raríssimas exceções em que nos podem pedir uma história específica porque está a ser feito um especial dedicado aquele tema, no dia -à- dia é o correspondente que define, de acordo com atualidade, aquilo que vai fazer nesse dia.

4. Os temas que propõe são bem aceites pelo editor? Porquê?

Normalmente, sempre o que eu proponho é aceite. Os poucos entraves que podem acontecer tem haver com a questão do tempo limitado do jornal, mas se for um tema essencial que tem de dar no dia dá.

5. O trabalho de um correspondente apresenta uma maior autonomia face à editoria internacional do que um enviado especial? A que nível?

Normalmente para alguém ser um enviado especial já têm de ter uma experiência muito grande e uma autonomia, no sentido da responsabilidade, em termos profissionais muito grande. Porque não anda ninguém atrás de nós para ver se estamos a fazer um bom trabalho, tem que haver já uma confiança muito grande por parte da casa. Agora, obviamente, como correspondente a autonomia é muito maior porque o lugar de correspondente funciona quase como uma delegação autónoma no país, é quase uma embaixada da RTP no país e, portanto, desde os contactos à decisão daquilo que se manda. Eu como enviada especial também sempre decidi o que tinha a fazer, porque eu acho que não há ninguém que saiba melhor do que a pessoa que está no terreno, mas também não posso dizer que tenha sentido menos autonomia. Mas é questão é que como enviada especial terei estado no máximo dois meses no sítio e aqui estou há quase seis anos. É preciso estabelecer pontes muito sérias e rigorosas de contactos, de credibilidade e de confiança.

6. Em que medida a pandemia Covid-19 veio influenciar o seu trabalho enquanto correspondente?

Alterou em termos de rotinas jornalísticas, em termos de trabalho. Eu só estou com o repórter de imagem o tempo estritamente necessário para estarmos em reportagem e

editamos à distância, ou seja, eu em casa e ele na casa dele e ao telefone e por computador. Há mais limitações em termos de reportagem, ou seja, não conseguimos aceder aos locais com a facilidade que conseguíamos antes, mesmo já sendo conhecida por essas pessoas, porque há muitas limitações. Há outros eventos em que nem sequer se pode entrar. Durante os meses de confinamento, num país que teve o confinamento mais duro de toda a Europa que foi Espanha, as conferências de imprensa eram apenas telemáticas, não havia a presença de jornalistas nem um e, portanto, alterou muito as nossas rotinas. E alterou a agenda eu confesso que já fiz mais de 150 peças só de Covid-19 e, portanto, não chegamos a um ponto em que sentimos falta de fazer outros temas, em que vemos que há outros temas importantes que gostávamos de tocar, mas estou sozinha, portanto é impossível fazer tudo.

7. Considera que com a necessidade de o público saber em que situação se encontra o mundo devido à Covid-19, que no futuro o seu trabalho poderá ser mais valorizado? Porquê?

Não, isso não sei. Eu acho que na televisão é tudo muito efémero e eu tenho essa experiência pelas grandes coberturas que fiz como enviada especial, quando chegava toda a gente me conhecia e comentávamos. E depois as coisas também vão passando porque a atualidade tem um ritmo tão rápido que espero bem que essa pandemia se resolva, mas infelizmente depois outras coisas virão.

Entrevista ao editor da secção online/multimédia- Carlos Neves

1. Com que frequência são elaboradas notícias internacionais na redação?

Com efeito, na distribuição temática do *site* noticias.rtp.pt (País, Mundo, Política, Economia e Cultura), é enorme o peso dos conteúdos de escopo internacional. Essa tem sido, aliás, uma preocupação constante da coordenação da equipa que assegura a produção de notícias para as plataformas digitais do serviço público de rádio e televisão: uma visão de mundo. Diariamente, diria que nascem pelo menos oito a dez artigos de produção própria, excluindo os conteúdos em vídeo e áudio, relativos a temas internacionais de todo o tipo. Esta tendência acentuou-se em contexto de pandemia.

2. Quais são os critérios que ditam que uma notícia internacional seja publicada?

Os critérios são transversais a todos os conteúdos que são publicados e/ou destacados no *site* de notícias da RTP: atualidade; interesse público.

3. Na sua opinião, a importância dada às notícias internacionais no online é equivalente a dada em televisão (Jornal da Tarde e Telejornal)? Se não, isso significa que os tipos de públicos são diferentes na televisão e no online?

Trata-se de linguagens jornalísticas muitíssimo diferentes. O que, à partida, dita também diferenças na arrumação editorial. O que quero dizer com isto é que serviços noticiosos como o *Jornal da Tarde* e o *Telejornal* constituem, em boa parte, resumos de uma hora, uma hora e um quarto, daquilo que de mais relevante aconteceu nas últimas horas. Por sua vez, a informação *online* deve espelhar, da melhor forma possível – e com a necessária ressalva de subjetividade, dado que não estamos a falar de matemática -, o que está a acontecer de relevante. Agora os públicos são, de facto, diferentes: os públicos a que televisão e digital chegam, bem entendido. Há já uma geração inteira, pelo menos, que não vê televisão. De todo. E cuja principal fonte de permuta de informação são as redes sociais. Mesmo entre estas temos já uma estratificação que mostra como a evolução, neste domínio, é galopante: o Facebook, por exemplo, é cada vez mais encarado como uma rede social “dos pais”. Para responder diretamente à pergunta, digo que, pelo exposto, são menos frequentes as ocasiões em que os números de conteúdos sobre temas internacionais se equiparam, entre televisão e digital.

4. A dependência das audiências no online é menor do que em televisão?

Respondo aqui somente pela edição da informação nas plataformas digitais da RTP, aquela que está a meu cargo: não estamos dependentes de audiências, tão-pouco deixamos que estas ditem as nossas escolhas editoriais. Obviamente, não somos alheios à métrica e acompanhamos o comportamento dos nossos conteúdos em matéria de visualizações, permanência dos leitores nas páginas, etc.

5. As notícias elaboradas pelos jornalistas correspondentes também são divulgadas no site e redes sociais? Se sim, quem as coloca?

Todos os conteúdos produzidos pelos correspondentes da RTP são, por regra, publicados e destacados em noticias.rtp.pt (e na *app*, por arrasto) e partilhados nas páginas do serviço público nas redes sociais, nomeadamente Facebook e Twitter. Estas partilhas são realizadas pelo coordenador ou coordenadora de serviço, ou por um dos redatores designado, a cada dia, para o efeito.

6. Na minha experiência enquanto estagiária reparei que elaborei mais notícias internacionais do que nacionais há alguma razão específica para isso?

Remeto parcialmente para a resposta à primeira pergunta. Acrescento que, em matéria de acompanhamento dos estagiários, tem sido política constante, por uma questão de operacionalidade e até de segurança, deixar para os redatores séniores da equipa os grandes temas nacionais ou internacionais da atualidade. Aos estagiários – normalmente; não quer dizer que seja sempre assim – são reservados temas mais intemporais. Quando (ou se) os estagiários começam a revelar maior solidez e agilidade nos textos que produzem, começam também a ser desafiados para desenvolverem temas mais complexos, de atualidade mais aguda e destinados a diferentes editorias. Esta distribuição também flutua em função da perceção que o coordenador vai adquirindo dos temas pelos quais os estagiários revelam mais apetência. Confesso que, aqui, o grau de subjetividade pode ser grande, quer porque o coordenador pode ter uma perceção errada, quer porque o estagiário, muitas vezes, por razões perfeitamente compreensíveis, evita questionar aquilo que lhe é atribuído. Procuro sempre criar, no ambiente de trabalho, uma atmosfera de diálogo e abertura. Todavia, tudo isto depende sempre muito da idiosincrasia de cada um dos jornalistas ou aspirantes a jornalistas que passam pela nossa equipa.

Entrevista à editora do internacional- Márcia Rodrigues

1. Qual o critério por detrás da presença dos correspondentes na Europa, EUA, Brasil e Rússia e não na Ásia?

Os postos de correspondentes são decididos pela administração da empresa por solicitação da direção de informação. Estão a ser equacionados novos postos.

2. Em que situações um jornalista correspondente pode ser designado por enviado especial?

Sempre que sai da cidade base onde se encontra colocado, ou seja, a correspondente em Paris, pode ser enviada especial em Malta.

3. Qual o critério de escolha das notícias internacionais e como é gerido o número em cada noticiário?

Não há um número fixo. O critério é a relevância e o impacto que a notícia tem para Portugal e a nível global.

4. O que define o alinhamento de um noticiário internacional?

A relevância das notícias nesse dia, ou seja, não há uma quota sobre o tema ou o continente.

5. Através de uma análise de conteúdo, aos principais jornais da RTP, constatou-se que as notícias internacionais, cujas fontes são os jornalistas correspondentes são na sua maioria transmitidas após o intervalo. Porquê?

Os correspondentes só são fontes das notícias que executam, todas as outras são feitas pelos jornalistas da editoria de internacional, nem sempre estão depois do intervalo, no caso da pandemia muitas vezes abrem o Telejornal, cada vez que há notícias de uma vacina nova, isto a título de exemplo.

6. Quem decide o número de peças internacionais que devem ser transmitidas em cada jornal? Na sua opinião esse número é suficiente?

O editor da internacional sugere em reunião com a coordenação dos vários jornais dos vários canais onde também está presente a direção. Fica então decidido o que entra onde. A RTP tem vários canais um deles tem 24 horas de notícias.

7. O número de notícias internacionais está relacionado com o número de audiências?

Não, mas houve épocas em que já estive, em que o internacional era considerado pouco importante, essa fase foi ultrapassada.

8. Qual o tema mais relevante numa notícia internacional? A presença de um tema no noticiário nacional serve de contexto/base para uma peça internacional sobre esse mesmo tema?

Não há um tema relevante, pode ser uma guerra, eleições, um terramoto, um acordo de paz, um acordo internacional, não há um tema. O critério é a importância da notícia, apenas isso, não tem necessariamente que levar a uma relação com uma peça portuguesa sobre o mesmo assunto, mas isso pode acontecer.

9. Geralmente aceita o tema que é proposto por um correspondente e vice-versa ou existe algum tipo de conflito a esse respeito?

O diálogo com os correspondentes é diário, eles apresentam propostas que são validadas e nós também fazemos sugestões. não há conflito, trabalhamos todos há muitos anos. No meu caso, fui enviada especial a mais de 30 países e correspondente 7 anos nos EUA, sei exatamente como se executa aquela função o que facilita o entendimento do relevante trabalho dos correspondentes. Não há conflito.

10. Através da recolha de alguns dados foi possível constatar que o formato jornalístico “entrevista” ocorre na sua maioria no Telejornal da estação, ou seja, em horário nobre. Qual o critério que se encontra na base desta decisão?

O formato entrevista passou para a RTP 3, no programa Grande entrevista, ou no Canal 1 no programa A Entrevista, esta é esporádica.

11. Considera que a Covid-19 veio acentuar a procura de notícias internacionais? Porquê?

Claro que sim. Porque sendo uma pandemia é global.